

PARA
CONHE-
CER
E



VIVER AS
VERDADES DA FÉ

N.Cham. 238.2 P221 1982
Título: Para conhecer e viver as verdades da fé :



690179
225771

Ex.1 PUCPR BC

Prefácio de D. Octavio Theobaldus Derzi

COLEÇÃO TEMA ATUAL Nº 43-46

PRESENÇA

"Com a corrupção do ensino catequético, inocula-se na alma dos inocentes o fermento da dissolução relativista da verdade e do dogma. Propaga-se o ceticismo religioso.

"Ao que só nos cumpre acrescentar: ai dos que isto compreenderem e ai dos responsáveis, bispos ou pais, que deliberadamente consentem nesta obra de iniquidade. Melhor fora que se lhes atasse uma pedra ao pescoço..."

Alfredo Lage

A recusa de ser, 1971, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, pág. 281)

Reporta-se o autor, no final da citação acima, à seguinte passagem de São Mateus: quem escandalizar um destes pequeninos que vivem em mim, melhor fora para ele que lhe pendurassem ao pescoço uma grande pedra e o submergissem no fundo do mar" (Mt. 18, 6).

CADAS PELA PRESENÇA

RO — Alain Besançon

teoria marxista no país do socialismo "real", a principal formulada por Besançon, profundo do presente russo, membro do Instituto de Paris. O Autor demonstra a distância entre mito futuro". As fórmulas que encontra para explanação ideológica, as verdadeiras leis que estat a impossibilidade de uma economia que se capitalismo... O ensaio torna-se leitura obrigatória para compreender o comunismo prático, seus êxitos e fracassos. UnB.

A — Hans Pfall

Formação da cultura geral de cada intelectual da filosofia, da ciência, das letras ou da

aquilo que foi pensado de modo lógico e que diante razões demonstrativas, deveria ser simples e insofismável. Por isso, não é necessária filosofia prévia para ler com proveito as conclusões simplesmente a atenção e o empenho do

LHO — 2.ª edição

80 páginas,

ênfases da religião cristã na formação da mentalidade americana e sobre os problemas do colonialismo.

— Guilherme Francovich

texto, adendo de Antônio Paim.

RIS — Enciclica sobre a Filosofia
de João Moura.

NSIONAL

ESSENÇA EDIÇÕES

4 — gr. 302 — Telefone: 225 1947

Rio de Janeiro — RJ — Brasil



Para conhecer
e viver
as verdades da Fé

A capa deste livro foi desenhada pelo monge beneditino Irmão Paulo Lachenmayer, sendo o seguinte o seu simbolismo:

As três virtudes teológicas — base da vida cristã — são representadas pela cruz (a Fé), a âncora (a Esperança) e o coração flamejante (a Caridade). No coração está a imagem de Nossa Senhora, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja. A Igreja é simbolizada pela arca de Noé. O raio e a chuva significam o dilúvio, e também a tempestade que desaba sobre os tempos de hoje, enquanto a barca da Igreja vai singrando as águas tormentosas, ameaçada de naufrágio mas prosseguindo impavidamente na sua rota até ao fim dos tempos, com a garantia de que as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16,18).

A imagem de Maria reproduz a **Panagüia Parthenos**, um dos mais antigos e insígnies monumentos do culto à augusta Mãe de Deus. Seu original foi dádiva da imperatriz Pulquéria a uma igreja de Constantinopla (450-453). Várias reproduções se encontram com frequência na Rússia e na Grécia, inclusive em moeda bizantina.

Para conhecer e viver as verdades da Fé



Breve Catecismo Expositivo

Compilado por

José Pedro Galvão de Sousa

Prefácio de D. Octavio Nicolás Derisi

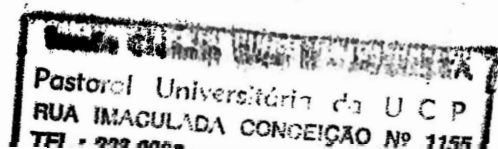
2.^a edição



PRESENÇA

RIO DE JANEIRO - RJ

1982



238.2

7221

1982

EX-1

Biblioteca Central
Para conhecer e viver as verdades da fé : breve
Ac. 225771 - R. 690179 Ex. 1
Doação - Pastoral Universitária ***
12/09/2002

1.^a edição, maio 1982

2.^a edição, outubro 1982

Copyright © Presença Edições

PRESENÇA EDIÇÕES

Rua do Catete, 204 — grupo 302 — Telefone 225-1947
22220 Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Impresso no Brasil
1982

Ao prezado amigo.

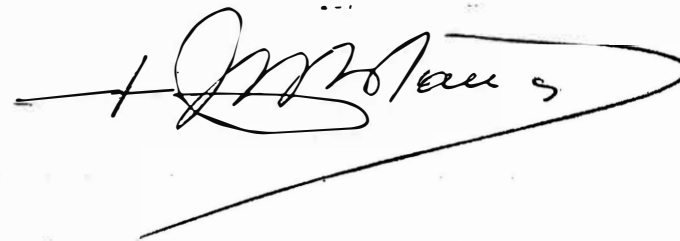
Prof. Dr. José Pedro Galvão de Sousa,
com muita alegria e esperança, o

IMPRIMATUR

de seu livro

“Para conhecer e viver as verdades da Fé”

Anápolis, 31 de maio de 1980.
Festa da Visitação de N. Sra.



(D. Manoel Pestana Filho)

Dedico especialmente aos meus filhos e aos meus afilhados este volume, em que procurei concatenar as verdades sempre ensinadas pela Igreja, no transmitir aos homens de todos os tempos o depósito da Revelação, que lhe foi confiado pelo seu Divino Fundador e do qual ela é guarda e intérprete infalível. Fugindo a novidades aduleadoras da sã doutrina e a certos métodos cujo efeito é diluir a Fé — consoante o observou a escritora convertida ao Catolicismo Carol Jackson Robinson, em seu trabalho **Dissolving Faith in Action** —, procurei ater-me às fórmulas de admirável precisão teológica dos Catecismos tradicionais, principalmente o do Concílio Tridentino e o de São Pio X. Reproduzindo-as sistematizadamente ao longo destas páginas, penso ter cumprido a recomendação de Sua Santidade João Paulo II, na Exortação Apostólica **Catechesi tradendae**, ao insistir sobre a “necessidade de um ensino cristão orgânico e sistemático”, e também seguido as diretrizes traçadas no Diretório Catequético da Sagrada Congregação para o Clero.

A quantos, solicitados, examinaram os originais, apresentando observações e sugestões, aqui deixo os meus agradecimentos, particularmente ao prezadíssimo mestre e amigo Dom Octavio Nicolás Derisi, que se dignou de prefaciá-lo.

Filialmente deponho este trabalho aos pés da Imaculada Virgem Maria, Sede da Sabedoria e Mãe do Bom Conselho, entregando-o à sua poderosa intercessão e tendo em vista as palavras do Apóstolo das Gentes: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer. Assim, pois, aquele que planta nada é; aquele que rega, nada é; mas Deus, que dá o crescimento” (ICor 3,6-7).

“A desordem invade hoje a Cristandade e não há de cessar senão quando a Dogmática tiver recuperado o primado natural sobre a prática.”

Étienne Gilson

“A vida e a prática religiosas não se reduzem a uma questão de ciência, mas de fé e de piedade. A liturgia e o catecismo têm por fim assegurar o contato entre o crente e a realidade espiritual que é o objeto de sua religião.”

Do mesmo autor (ambos os excertos são do livro **Les tribulations de Sophie**).

SUMÁRIO

Prefácio de Dom Octavio Nicolás Derisi	11
1. O estudo da religião	13
2. Divisão	14
3. Sete verdades fundamentais	14
4. Existência e Natureza de Deus	15
5. Natureza do homem	17
6. Religião	18
7. Revelação	18
8. O pecado	20
9. Jesus Cristo	20
10. A Igreja	21
11. A nossa vida na Igreja	23
12. Pentecostes	24
13. Os mistérios principais da nossa Fé e o Sinal-da-Cruz	24
14. Novíssimos do homem	26
15. O Símbolo dos Apóstolos	27
16. A oração	28
17. O “Padre-Nosso”	29
18. A Ave-Maria	30
19. O Rosário	31
20. A invocação dos Anjos e dos Santos	32
21. A oração litúrgica	33
22. O ano eclesialístico	34
23. O Decálogo	36
24. Amar a Deus sobre todas as coisas	37
25. Não tomar o nome de Deus em vão	38
26. Guardar domingos e festas	39
27. Honrar pai e mãe	40
28. O quinto Mandamento	41
29. O sexto e o nono Mandamentos	41
30. O sétimo e o décimo Mandamentos	42
31. O oitavo Mandamento	43
32. Os Mandamentos da Igreja	44
33. Os deveres de estado e os conselhos evangélicos	45
34. As virtudes cardeais	45
35. A justiça cristã	46
36. As virtudes teológicas	47

37. A lei do amor	48
38. A Fé, a Esperança e a Caridade na vida cristã	49
39. As espécies de pecado e os vícios capitais	50
40. Os pecados contra o Espírito Santo e os pecados que bradam ao Céu	51
41. Remorso, arrependimento e penitência	52
42. A humildade	53
43. Os Sacramentos	54
44. O Batismo	55
45. Confirmação ou Crisma	56
46. Eucaristia	57
47. O Santo Sacrifício da Missa.	59
48. Penitência ou Confissão	60
49. Unção dos enfermos	62
50. Ordem	63
51. Matrimônio	63
52. Indulgências e Sacramentais	64
53. Vida cristã, vida sobrenatural da graça	66
54. Os dons do Espírito Santo	67
55. As obras de misericórdia	68
56. As Bem-aventuranças evangélicas	69
57. Cidade de Deus e cidade terrena	70
58. A graça e a glória	71
Apêndice (principais orações)	73

PREFÁCIO

Comprazemo-nos em apresentar este Catecismo, redigido por José Pedro Galvão de Sousa, um dos filósofos do Direito Natural mais destacados no Brasil e no Ocidente. Seus numerosos livros e publicações, bem como sua presença atuante em instituições e congressos filosóficos e jurídicos do mundo todo, demonstram uma aplicação e uma vida consagrada com inteligência e fidelidade ao Direito Natural, especialmente no setor político.

Este jurista e filósofo não tem deixado, como pai cristão, de assumir por si mesmo a responsabilidade de dar uma formação religiosa a seus próprios filhos, brindando-lhes, dia-a-dia, as lições que agora, aqui reunidas, oferece neste Compêndio de Doutrina Católica.

O conhecimento das Verdades da Fé sempre foi muito importante para fundamentar, iluminar e dar o verdadeiro sentido a toda a vida cristã e também humana do homem.

Porém, a transmissão fiel da mesma, em nossos dias, adquire uma significação muito mais relevante, em vista dos numerosos erros, desvios ou imprecisões, surgidos a respeito da Doutrina dogmática e moral cristãs, pondo em perigo o **depositum fidei**, de cuja integridade tem sido sempre zelosa a Igreja, através de seu Magistério. Sem dúvida, por isso, em resguardo desta integridade doutrinal, Sua Santidade Paulo VI compôs o **Credo do Povo de Deus**, e o Episcopado Argentino redigiu as **Formulações Fundamentais da Fé**, para serem incorporadas a todos os Catecismos. Também os Pontífices João Paulo I e João Paulo II recordaram sua missão de velar pelas verdades da Fé, tendo este último, gloriosamente reinante, dirigido ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis de toda a Igreja a importantíssima Exortação **Catechesi tradendae**, em data de 16 de outubro do corrente ano.

Ante os perigos que hoje cercam a verdadeira doutrina, José Pedro Galvão de Sousa quis assumir por si mesmo a responsabilidade de transmitir a seus filhos a reta Doutrina de Cristo, com fidelidade à Revelação e ao Magistério da Igreja que a guarda.

Realizou esta tarefa com sólido conhecimento da Verdade revelada e da Teologia, e ao mesmo tempo, numa exposição acessível aos seus destinatários.

Trata-se, pois, de um Breve Catecismo, que une a solidez e a fidelidade à Doutrina Cristã com uma formulação simples e clara.

Este é o valor primordial do Catecismo.

Fruto de reflexões de um pai cristão, acrisoladas numa vida iluminada pela Fé e incendiada pela Caridade, esta formulação do Dogma e da Moral católicas estão escritas com convicção e estão animadas de espírito e amor e, por isso, chegam tão fácil e suavemente à alma do leitor.

Tal o significado e o valor deste Catecismo.

Mons. Dr. Octavio N. Derisi

Da Comissão de Teologia e de Educação do Episcopado Argentino e Bispo-Reitor da Universidade Católica Argentina Santa Maria de los Buenos Aires.

Buenos Aires, 8 de dezembro, festividade da Imaculada Conceição, de 1979.

1. O ESTUDO DA RELIGIÃO

O estudo da religião é o mais necessário de todos. Os outros são de proveito para a vida no tempo. E a religião é necessária para o tempo e a eternidade.

Nada pode haver de mais importante do que assegurar a salvação da própria alma. O meio de atingir esse objetivo supremo é crer o que Deus ensinou e fazer o que Deus mandou.

Sendo Deus a Suprema Verdade e o Sumo Bem, Ele só nos ensina o que é verdadeiro e só nos prescreve o que é bom. Não se trata, assim, de qualquer manifestação de arbítrio do Criador sobre as criaturas, mas de uma estupenda manifestação de Amor. Ensinando a Verdade e o Bem, Deus ilumina nossos caminhos e previne para que nos desviemos das sendas do erro.

Ficamos sabendo o que devemos crer e o que devemos fazer pelo estudo da religião.

Não se deve, pois, pensar que a religião é uma espécie de compartimento estanque na vida. Ou alguma coisa para usar de vez em quando — por exemplo, quando se vai à Missa — e depois guardar na gaveta.

A este respeito é bom lembrar uma parábola do Evangelho: “O reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha até que fique fermentada toda a massa” (Mt 13,33).

Assim, a religião deve orientar toda a nossa vida, todos os nossos atos. A religião é vida. Não apenas um conjunto de preceitos proibitivos com vistas a não pecar, mas uma diretriz positiva para o bem, para a prática das virtudes, dando sentido à existência humana, que sem ela se torna incompreensível.

Mais ainda. É a nossa vida em Deus e a vida de Deus em nós, habitando em nossas almas pela graça santificante (ver número 53).

2. DIVISÃO

O estudo da religião, compendiado no Catecismo, compreende:

- 1) o que devemos **crer** (objeto da virtude da Fé.);
- 2) o que devemos **desejar** (objeto da virtude da Esperança);
- 3) o que devemos **fazer**, isto é, a prática do bem como expressão do amor a Deus, e ao próximo por amor de Deus (objeto da virtude da **Caridade**).

Temos, respectivamente, correspondendo a essas três partes:

- 1) o **Credo**;
- 2) o **"Padre-Nosso"** e as demais orações;
- 3) os **Mandamentos**.

Finalmente, para adquirirmos e conservarmos a Fé, a Esperança e a Caridade, e crescermos nestas virtudes, precisamos da graça de Deus, que nos vem principalmente pela oração e pelos **Sacramentos**. A graça acompanha-nos em toda a vida cristã, a partir do Batismo, salvo se a perdermos pelo pecado mortal e não tratarmos de recuperá-la pelo arrependimento e pela Confissão. Alcançando a salvação eterna, passamos então da vida da graça à vida da glória (ver número 58).

3. SETE VERDADES FUNDAMENTAIS

(Do livro "O Alfa Maravilhoso")

Há sete verdades históricas intimamente relacionadas entre si, cujo conhecimento faz entender o verdadeiro sentido da vida e encontrar a solução dos maiores problemas do homem, a saber:

- 1) a existência de **Deus**;
- 2) a natureza do **homem**, criatura racional composta de um corpo vitalizado por uma alma imortal;
- 3) a **religião**, isto é, relação de dependência essencial ligando o homem a Deus;
- 4) a **revelação**, que é a manifestação da sabedoria e da bon-

dade infinitas de Deus, comunicando ensinamentos à inteligência limitada do homem, para maior benefício deste e glória d'Aquele;

5) o **pecado**, essa desobediência que transtornou por completo a vida humana;

6) **Jesus Cristo**, Deus e Homem verdadeiro, o Filho de Deus que se fez homem para nos redimir e salvar;

7) a **Igreja**, instituição divina, fundada por Jesus Cristo com todos os requisitos de uma sociedade perfeitíssima e dotada, ainda, por Ele, de um magistério infalível, sob a assistência eficaz da Divindade.

Ou sejam:

- 1) DEUS
- 2) HOMEM
- 3) RELIGIÃO
- 4) REVELAÇÃO
- 5) PECADO
- 6) JESUS CRISTO
- 7) IGREJA

4. EXISTÊNCIA E NATUREZA DE DEUS

A existência de Deus é uma verdade demonstrada pela razão e confirmada pela Fé. Por isso, houve grandes filósofos que, não tendo conhecido a Revelação, nem do Antigo, nem do Novo Testamento, provaram racionalmente que Deus existe. Foi o caso, na Grécia antiga, de Platão e Aristóteles.

Um pensador francês do século XVIII, apesar de ser anticlerical e inimigo do Cristianismo, raciocinava assim: se eu vejo um relógio, devo admitir um relojoeiro que o fez, pois só um ser inteligente poderia ordenar as peças desse mecanismo para dar sempre a hora certa; ora, muito mais admirável do que um relógio é a ordem reinante no universo, a regularidade dos movimentos do sol, da terra, de todos os astros, o que exige, naturalmente, uma inteligência ordenadora.

E como é essa Inteligência Ordenadora a que chamamos Deus?

Se o universo foi criado por Deus, é evidente que o que há de bom no universo provém de Deus, pois "ninguém dá o que não tem." Só que no universo o bem existe de maneira limitada, por ser uma ínfima participação nas qualidades de seu Criador, ao passo que em

Deus todo o bem se encontra em estado absoluto, isto é, de máxima perfeição (no número 8, ver-se-á que o mal consiste exatamente nessa privação do Bem e que o mal existe no mundo exatamente porque os homens, sendo livres, exercem erroneamente sua liberdade e voltam as costas ao bem e à sua suprema fonte, que é Deus).

Assim, pelo que se vê no mundo e no homem, Deus indubitavelmente é:

1) um Ser eterno, porque se tivesse começo deveria haver "outro" ser que o criasse e este é que seria Deus;

2) um Ser puramente espiritual, porque a matéria é degradável e não poderia fazer parte de um Ser eterno;

3) um Ser pessoal, porque só assim poderia exercer um ato de criação e imprimir na pessoa humana uma pálida imagem de Si mesmo;

4) um Ser onipotente, pois se outrem pudesse mais do que Ele, este é que seria Deus;

5) um ser perfeitíssimo, sumamente sábio e sumamente bom, porque, caso contrário, não poderia haver a verdade (para cuja obtenção o homem foi criado com inteligência), nem o bem (para cuja realização o homem foi dotado de vontade livre).

Tendo criado o homem e sendo sumamente inteligente e bom, Deus só pode tê-lo feito com uma **finalidade**, que é a de glorificá-Lo, amando-O e servindo-O. Assim o homem realiza-se como criatura e consegue a sua plena felicidade pessoal.

Deus é, pois, o Criador do universo. E é também o Fim último para que fomos criados. Princípio e Fim de todas as coisas. Ele mesmo disse no Apocalipse (1,8; 21,6; 22,13): "Eu sou o Alfa e o Ômega" (Alfa e Ômega são a primeira e a última letras do alfabeto grego).

Deus é um espírito perfeitíssimo, eterno, sumamente bom, infinitamente sábio e onipotente. É o Criador do Céu e da terra.

"Eu sou aquele que sou" disse Deus aparecendo a Moisés (Ex 3,14). Pois Ele existe por si mesmo e é a razão de ser de todos os seres que existem.

Deus é o sumo Bem e a plenitude do amor. Diz São João, na sua primeira Epístola: "Deus é caridade, e quem permanece na caridade permanece em Deus, e Deus nele." (4,16).

5. NATUREZA DO HOMEM

O homem foi criado para conhecer, amar e servir a Deus neste mundo e assim alcançar a felicidade eterna no outro. Essa plenitude do homem só se alcança no outro mundo porque este, como podemos constatar, está maculado pela imperfeição produzida pelo pecado (ver número 8) e assim nunca poderá ser um ambiente perfeito para uma vida em eterna perfeição (ver número 58).

Que é o homem ?

Uma criatura racional composta de corpo e alma, corpo material e alma espiritual. Sua alma é imortal, e a Fé nos ensina a ressurreição dos corpos depois do fim do mundo e do Juízo final (Jo 6,40 e 44; Mt 25,46).

Por isso mesmo o homem não é simplesmente um animal. Os livros escolares fazem distinguir três reinos na natureza, a saber: o mineral, o vegetal e o animal. Mas o certo é dizer-se, com grandes biólogos de hoje, o que já escritores clássicos ensinavam: há quatro reinos na natureza, o mineral, o vegetal, o animal e o humano. Isto porque o homem não é um animal aperfeiçoado, é muito mais do que isso: a inteligência coloca-o num plano superior a todos os animais e o aproxima dos anjos.

Os animais vivem presos a seus instintos e agem à semelhança de máquinas, de maneira invariável diante dos estímulos do mundo exterior. Mesmo quando eles dão a impressão de terem uma conduta "inteligente", na verdade ela é puramente instintiva. O João-de-barro constrói sua casa, parecendo nisso operar com "inteligência"; mas basta que o teto seja furado para que ele, ao invés de reparar o estrago, construa uma outra casa inteirinha, geralmente no mesmo lugar (em cima da anterior): é que o instinto só o capacita a construir uma casa inteira e ele não tem inteligência para analisar a situação criada com o estrago da casa anterior e, diante desse fato, tomar uma decisão inteligente. Por outro lado, animais que levam vida gregária comportam-se hoje como sempre o fizeram, sem nenhum progresso: a vida das formigas, que Aristóteles observou quatro séculos antes de Cristo, é igual à observada e descrita pelo famoso entomologista Fabre no século passado, e continua a ser a mesma em nossos dias.

Só o homem, em todo o reino da natureza, toma decisões livres, demonstra criatividade, escolhe entre o bem e o mal. Portanto, o homem não é apenas um animal "evoluído": entre o homem e os animais a diferença não é só de **grau**, mas sim de **essência**; o homem tem algo que os animais não têm, isto é, a alma espiritual e livre, que Deus lhe infundiu.

Ensina o Catecismo: as criaturas mais perfeitas que Deus criou foram os anjos e o homem.

6. RELIGIÃO

A religião é a relação de dependência do homem para com Deus, que todos os povos sempre expressaram através dos atos de adoração e culto. O homem depende essencialmente de Deus, que lhe dá a vida e a conserva. Para manifestar essa dependência, ele pratica atos de religião. A religião é uma relação necessária e eterna entre o Criador e a criatura. É a virtude pela qual se tributa a Deus, Criador e absoluto Senhor, a devida honra e se lhe presta plena submissão.

Deus é nosso Pai, e por isso devemos portar-nos em relação a Ele como filhos obedientes e amorosos. Nisto consiste a virtude da piedade. A verdadeira piedade ou devoção não se confunde com a beatice ou carolice. Não consiste apenas em rezar, mas também em cumprir sempre a vontade de Deus, o que significa, em primeiro lugar, evitar todo e qualquer pecado e cumprir todos os deveres. Tenhamos presentes as palavras de Jesus Cristo no Evangelho: "Nem todo o que me diz **Senhor, Senhor**, entrará no reino dos Céus, mas o que faz a vontade de meu Pai que está nos céus" (Mt 7,21). A oração bem feita, acompanhada de uma vida vivida conforme à vontade de Deus, alcança-nos tudo de que precisamos para a salvação. "A oração é para o homem o primeiro dos bens", dizia Dom Guéranger, compreendendo-se também nessa expressão a oração mental, a reflexão sobre as verdades eternas, a meditação sobre Deus e os mistérios da salvação, conduzindo-nos à vida contemplativa, em que reside a atividade superior do homem (ver número 16).

A religião abrange todas as verdades e os preceitos que ordenam nossa vida para Deus.

7. REVELAÇÃO

O próprio Deus nos ensina as verdades necessárias à salvação e como devemos praticar o culto que Lhe é devido.

Deus manifesta-se ao homem, e revela mistérios que o homem por si só não poderia alcançar. Deus revela-se-nos a Si mesmo nos mistérios de sua vida íntima. Pela Revelação, Deus comunica-se pessoalmente aos homens. Ele se dá a conhecer a nós, e nos dá a conhecer suas obras, sua ação salvífica na história.

Cumpre distinguir :

1. a Revelação primitiva, feita por Deus aos nossos primeiros pais, logo após a criação;
2. a Revelação do Antigo Testamento, feita a Abraão, aos patriarcas, aos profetas do povo eleito (de modo especial manifestou-se Deus a Moisés, dando-lhe as Tábuas da Lei, com os Dez Mandamentos, e Moisés escreveu os primeiros livros do Antigo Testamento);
3. a Revelação do Novo Testamento, feita pelo próprio Filho de Deus, Jesus Cristo, e contida nos quatro Evangelhos, aos quais se seguem os Atos dos Apóstolos, as Epístolas e o Apocalipse.

O conjunto dos livros do Antigo e do Novo Testamento é a Bíblia ou Sagrada Escritura.

Além do que está escrito na Bíblia, muitas verdades reveladas por Deus foram transmitidas oralmente. A Tradição é a palavra de Deus não escrita, comunicada de viva voz por Jesus Cristo e pelos Apóstolos e que se transmite sem alteração, de século em século, pelo magistério da Igreja.

São, pois, fontes da Revelação, a Sagrada Escritura e a Tradição.

A este respeito escreve Sua Santidade João Paulo II na Exortação Apostólica *Catechesi tradendae* : "Falar da Tradição e da Escritura como fonte da catequese é já acentuar que esta tem de ser impregnada e penetrada pelo pensamento, pelo espírito e pelas atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados; e é também recordar que a catequese será tanto mais rica e eficaz quanto mais ela ler os textos com a Igreja e o coração da Igreja e quanto mais ela se inspirar na reflexão e na vida duas vezes milenária da mesma Igreja."

Os livros sagrados, a cujos autores a palavra de Deus foi ditada pelo Espírito Santo, são os seguintes :

Antigo Testamento — Pentateuco (compreendendo o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, o dos Números e o Deuteronômio), Josué, Juízes, Rute, Samuel (2), Reis (2), Crônicas (2), Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Eter, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria, Eclesiástico, Isaías, Jeremias, Baruc, Ezequiel, Daniel, os doze Profetas menores e Macabeus (2).

Novo Testamento — Evangelhos de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João; Epístolas de São Paulo (14), São Tiago, São

Pedro (2), São João (3) e São Judas; e o Apocalipse (o derradeiro livro da Sagrada Escritura, concernente aos últimos tempos e escrito por São João Evangelista na ilha de Patmos).

8. O PECADO

Os nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram criados num estado de perfeição e inocência, graça e felicidade. Submetidos a uma prova, desobedeceram a Deus, cedendo à tentação do demônio, que os enganou, prometendo que, por essa desobediência, eles, conhecendo o bem e o mal, se tornariam semelhantes a Deus. Com isso, perderam a graça e a integridade da sua natureza. Ao cometerem o pecado, perderam a graça divina (ver número 53).

Foi o pecado original, assim chamado porque seus efeitos passaram a todos os homens, vindo daí os males e desordens da vida humana e ainda a triste consequência de nascermos com uma natureza decaída e inclinada para o mal. Só Nossa Senhora foi preservada do pecado, sendo, assim, a Virgem Imaculada, quer dizer, sem a mácula do pecado original.

Aliás, o primeiro de todos os pecados, a primeira revolta e manifestação de orgulho, foi a de Lúcifer e dos demais anjos rebeldes, que desobedeceram a Deus na vã pretensão de se tornarem independentes d'Ele, tendo sido, por esse motivo, excluídos da presença de Deus e condenados ao inferno.

Todos os povos antigos e ainda hoje os selvagens têm a idéia de uma queda primitiva, da qual resultou um transtorno na natureza humana e no mundo que nos cerca.

O pecado é, pois, uma desobediência voluntária à lei de Deus. Cumpre distinguir o pecado original do pecado atual, que pode ser mortal ou venial (ver número 39 e 48).

9. JESUS CRISTO

Pela Fé, fazendo-nos aceitar o que Deus revelou de Si mesmo, sabemos que há um Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (ver número 13).

Jesus Cristo é o Filho de Deus, que se fez homem para nos salvar. Assim, na pessoa de Jesus Cristo há duas naturezas, unidas pe-

la chamada união hipostática: a natureza divina e a natureza humana. Ao vir ao mundo e morrer na Cruz, Ele redimiu-nos do pecado.

A Paixão e Morte de Cristo mostram a gravidade do pecado como ofensa a Deus. E patenteiam o grande amor de Deus aos homens, pois Deus Pai, para nos salvar, não poupou o seu próprio Filho. Morrendo na Cruz, Jesus Cristo faz ver qual deve ser a vida do cristão, sofrendo com paciência as adversidades e renunciando aos prazeres pecaminosos, às vaidades terrenas e às seduções do mundo. Por isso Ele disse: "Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz de cada dia e siga-Me" (Lc 9,23).

Nosso Senhor Jesus Cristo veio desempenhar na terra uma tríplice missão: a de Mestre, a de Vítima e a de Salvador.

Mestre, revelou-nos os mistérios da Fé e ensinou-nos o "mandamento novo" da Caridade (Jo 13,34) e as Bem-aventuranças evangélicas (ver números 37 e 56).

Vítima, imolou-se na Cruz para a redenção dos homens.

Salvador, restituiu-nos a vida da graça, tornando-nos filhos adotivos de Deus, unidos a Ele na Igreja (ver números 10, 11 e 53).

Jesus Cristo foi concebido no seio puríssimo da Virgem Maria unicamente pelo poder do Espírito Santo. Maria é Mãe de Deus, porque é Mãe de Jesus Cristo, que é Deus. Da maternidade divina de Maria decorrem os seus extraordinários privilégios. Ela é a Imaculada Conceição: foi concebida sem a mancha do pecado (ver número 8) e com plenitude de graça. Deus lhe assegurou a virgindade perpétua: Virgem antes do parto, durante o parto e depois do parto. É também Mãe da Igreja, pois a Igreja é o Corpo Místico de Cristo (ver número 10). Pelo Batismo, tornamo-nos irmãos de Jesus e, conseqüentemente, filhos de Maria (ver número 44). Do alto da Cruz, Jesus Cristo confirmou essa filiação, entregando-nos Maria por Mãe na pessoa de São João Evangelista.

O Filho de Deus humanado, antes dos três anos de sua vida pública, que precederam à Paixão, viveu humilde e ocultamente em Nazaré, na companhia de sua Mãe, a Virgem Maria e de São José, esposo desta e seu pai adotivo.

10. A IGREJA

Jesus Cristo instituiu a Igreja para assegurar, perante os homens, a permanência de sua obra salvífica e assim os encaminhar pa-

ra o Céu. A Igreja é o próprio Cristo continuado entre os homens. É o Corpo Místico de Cristo, uma vez que todos nós, pelo Batismo, passamos a viver a vida sobrenatural, unidos a Cristo como os membros de um corpo estão unidos à cabeça (ver número 53).

Na Igreja, o Sacrifício de Cristo no Calvário é perpetuado pela Missa. Além disso, a Igreja transmite aos homens os ensinamentos de Jesus Cristo, seu Divino Fundador, assistida pelo Espírito Santo. Graças a esta assistência, a Igreja guarda infalivelmente as verdades da Revelação, ensinando-as aos fiéis (ver número 7).

Cristo fundou a Igreja como sociedade reunindo os Apóstolos e dizendo a São Pedro: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16,18). Assim, a Igreja tem resistido a todas as perseguições, desde os primeiros tempos do Cristianismo, e há de permanecer até o fim dos tempos. Resiste também àqueles que tentam em vão destruí-la por dentro, semeando a heresia e doutrinas perniciosas.

A Igreja Católica é a sociedade de todos os fiéis que professam a verdadeira Fé, observam os mesmos Mandamentos e recebem os mesmos Sacramentos, unidos pela obediência aos legítimos pastores, primordialmente ao Papa.

A verdadeira Igreja não pode ser confundida com tantas sociedades ou seitas que se dizem cristãs, pois apresenta notas características inexistentes nestas. Ela é una, santa, católica e apostólica. Graças à assistência recebida de Deus, a Igreja, desde o tempo dos Apóstolos, mantém a doutrina revelada, a mesma em todos os tempos, fundamento da santidade que nela floresce. Chama-se também Romana, porque os quatro caracteres de unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade só se encontram na Igreja que tem por chefe o Bispo de Roma, sucessor de São Pedro.

Distingue-se a Igreja **docente** da Igreja **discente**. Os fiéis reunidos na Igreja formam a Igreja discente. O poder hierárquico, instituído por Cristo para governar a Igreja, ensinar a doutrina e administrar os Sacramentos, é a Igreja docente, formada pelo Papa e pelos Bispos, com o auxílio dos demais sacerdotes. Os Bispos são os continuadores dos Apóstolos, tendo a plenitude do sacerdócio, e o Papa é o sucessor de São Pedro, que foi o Chefe do Colégio Apostólico.

Deve-se considerar ainda a união de todos os fiéis nesta vida e na outra, expressa pelo dogma da Comunhão dos Santos. A Igreja na terra é a Igreja **militante**, as almas do purgatório formam a Igreja **padecente** e os que já alcançaram a glória pertencem à Igreja **triun-**

fante (ver número 58). A Igreja militante é assim chamada porque sustenta guerra permanente contra seus inimigos de morte: o mundo, a carne e o demônio (ver número 57).

11. A NOSSA VIDA NA IGREJA

A Igreja é nossa Mãe e Mestra. Mãe que nos gera para a vida sobrenatural da graça, e Mestra infalível das verdades necessárias à nossa salvação. Este o sentido da **infalibilidade** de que goza o Papa, como sucessor de São Pedro, ao definir questões de **fé** e de **moral**. Pois se nos fosse ensinado algo errado para **crer** e algo errado para **fazer**, como poderíamos — seguindo esses ensinamentos — chegar a Deus, que é a Suprema Verdade e o Sumo Bem? Daí a garantia dada por Jesus a São Pedro, ao fundar a Igreja, de que "as portas do Inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16,18). Isto é: embora exposta, em sua parte humana, a todas as vicissitudes decorrentes da fraqueza e dos vícios inerentes à nossa natureza decaída (ver número 8), a Igreja, através do Papa (Pedro e seus sucessores), nunca poderá falhar **em questão de fé e de moral**.

Jesus Cristo, falando aos discípulos na última Ceia, disse: "Eu sou a verdadeira vide e meu Pai é o agricultor. Ele há de cortar todos os ramos que não produzirem fruto em Mim, e podar os que produzirem fruto, para que frutifiquem ainda mais" (Jo 15,1-2). Jesus diz que nós somos os ramos da videira; e como os ramos recebem do tronco a seiva que lhes dá a vida, assim, na Igreja, recebemos de Jesus a graça, que alimenta em nós a vida espiritual. Vem-nos a graça principalmente pelas orações e pelos Sacramentos (ver número 16, 38, 43 e 53).

Para que nos salvemos, é indispensável pertencamos plenamente à Igreja pelo Batismo, professando a verdadeira Fé, ou, pelo menos lhe pertencamos **in voto**, com desejo implícito ou explícito de nela entrar.

Os principais meios de salvação que temos na Igreja são: a verdadeira Fé, a graça pelos Sacramentos, a remissão dos pecados e a comunhão dos Santos. A graça divina, a partir da Fé que recebemos no Batismo, incorpora-nos ao Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja.

Não basta, para alcançar a salvação, pertencer ao **corpo** da Igreja; é preciso viver em estado de graça. Os que vivem em pecado mortal são os ramos secos e, se não recuperarem a graça, serão cortados e lançados no inferno.

Os ímpios, os hereges e outros separados da verdadeira Igreja não podem salvar-se, a não ser que estejam de boa fé e obedeçam aos preceitos da lei natural, contidos no Decálogo (número 23). Neste caso estão unidos à **alma** da Igreja.

12. PENTECOSTES

A Igreja manifestou-se pela primeira vez aos homens no dia de Pentecostes. Nascida do lado de Cristo, transpassado pela lança na Cruz, ela durará por todos os séculos, sob a assistência do Espírito Santo. Antes de subir aos céus, Jesus Cristo prometeu essa assistência, que já havia anunciado aos Apóstolos ao estabelecer o primado de Pedro (ver número 10).

Depois da Ressurreição, Jesus Cristo esteve quarenta dias na terra, tendo dito aos discípulos que do Céu enviaria o Espírito Paráclito. Os Apóstolos reuniram-se com Nossa Senhora, em nove dias seguidos de oração. Foi o primeiro retiro e a primeira novena na vida da Igreja. Terminados os nove dias, o Espírito Santo desceu sobre eles no Cenáculo, em forma como que de línguas de fogo. Havia, então, em Jerusalém, homens de várias nações diferentes, e os Apóstolos, apesar de rudes e quase sem instrução, começaram a falar-lhes de Deus no próprio idioma de cada um, o que causou grande admiração. Eram partos, medos, elamitas, judeus, árabes, cretenses, etc. Os Apóstolos haviam recebido uma graça extraordinária do Espírito Santo: o dom das línguas. É o que nos narram os Atos dos Apóstolos (2, 1 a 13).

O Espírito Santo, que procede do amor do Pai e do Filho, dirige a Igreja e opera a nossa santificação. Ao descer sobre os Apóstolos, encheu-os de caridade, e concedeu-lhes em abundância os seus dons.

A palavra grega "pentekostes", que quer dizer "quincuagésimo", indica que a vinda do Espírito Santo sobre Maria Santíssima e os Apóstolos se deu cinquenta dias após a Ressurreição.

Devemos freqüentemente invocar o Espírito Santo, para que nos esclareça e guie nos estudos, nos trabalhos e nas resoluções a tomar (ver Apêndice, número 3).

13. OS MISTÉRIOS PRINCIPAIS DA NOSSA FÉ E O SINAL-DA-CRUZ.

Os mistérios principais da nossa Fé são dois:

1. Unidade e Trindade de Deus

2. Encarnação, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Há um só Deus em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. (Mt 28,19).

O Pai é Deus.

O Filho é Deus.

O Espírito Santo é Deus.

Trata-se de um mistério, que está acima do alcance de nossa razão, mas que sabemos ser verdadeiro porque Deus, que não pode mentir, assim nos ensinou. Para ter-se uma idéia aproximada do conteúdo desse mistério, pode-se recorrer à analogia com as três faculdades espirituais que existem no homem: ele tem inteligência, vontade e memória; apesar de serem faculdades diferentes, fazem parte de uma mesma pessoa. Em Deus há três pessoas distintas, mas todas têm a mesma natureza divina.

O Filho de Deus é o Verbo incriado, gerado pelo Pai desde toda a Eternidade. O Espírito Santo não é feito, nem criado, nem gerado, mas procede do Pai e do Filho.

O Filho de Deus fez-se homem para nos remir e salvar. E assim o Verbo eterno se encarnou no seio puríssimo da Virgem Maria. Com sua Paixão e Morte na Cruz, satisfaz à justiça divina pelos pecados dos homens. Enquanto Deus, Jesus Cristo não podia padecer nem morrer. Ele padeceu e morreu enquanto homem, mas, estando a divindade unida pessoalmente à humanidade, sua Paixão e Morte tiveram um merecimento infinito (ver número 9).

Ao Pai se atribuem as obras de poder e criação. Ao Filho, as obras de sabedoria. Ao Espírito Santo, as obras de amor e a santificação das almas. Isto porque o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, como fruto de amor, mas as três pessoas divinas nos santificam igualmente. Ensina Santo Agostinho que a cada Pessoa se atribui o que pertence a todas pela operação de uma única e idêntica substância.

A denominação das três pessoas é assim explicada pelo Catecismo de São Pio X:

Dá-se a Deus o nome de Pai: 1.º porque é Pai, por **natureza**, da segunda Pessoa da Santíssima Trindade, isto é, do Filho por Ele gerado; 2.º porque Deus é Pai de todos os homens, que Ele criou, conserva e governa; 3.º porque, finalmente, é Pai, pela **graça**, de todos os cristãos, os quais por isso se chamam filhos adotivos de Deus.

Jesus Cristo chama-se **Filho único de Deus Pai** porque é gerado pelo Pai e só Ele é por natureza seu Filho, sendo nós seus filhos por criação e por adoção. É gerado por via de inteligência, desde toda a Eternidade, e por este motivo se chama também **Verbo** eterno do Pai.

Designa-se a terceira Pessoa da Santíssima Trindade particularmente com o nome de Espírito Santo, porque procede do Pai e do Filho por meio de espiração e de amor.

Com o Sinal-da-Cruz, ao nos persignarmos e benzermos, estamos indicando os mistérios principais da nossa Fé. Por isso, o Catecismo ensina que o Sinal-da-Cruz é o sinal do cristão. Uma vez feito com atenção e reverência, ele tem a virtude de reavivar a Fé, repelir as tentações e alcançar-nos de Deus muitas graças.

Devemos fazer o Sinal-da-Cruz pela manhã ao despertar, à noite ao deitar; antes e depois das refeições; no começo e no fim dos principais trabalhos; ao pedirmos as luzes do Espírito Santo para os nossos estudos; nas tentações e nos perigos.

14. NOVÍSSIMOS DO HOMEM

Os novíssimos do homem são as últimas coisas que nos hão de acontecer :

Morte

Juízo

Inferno

Paraíso

Estamos neste mundo de passagem. Nada mais certo do que a morte, e nada mais incerto do que a hora da morte. Por isso, devemos estar sempre preparados para quando tivermos de ser julgados por Deus depois da morte, pois então se seguirá para todo o sempre a felicidade eterna no Céu ou a desgraça eterna no inferno.

O que há de mais necessário a todos nós é, pois, uma boa morte, isto é, morrer na graça de Deus. Para isto é preciso viver bem : observar os Mandamentos, cumprir os deveres do próprio estado e praticar em tudo a Caridade. Não devemos fazer conta do que os homens pensam de nós. Nossa constante preocupação deve ser a de estar bem diante de Deus, isto é, sem pecado, vivendo na sua graça, no seu amor. São Francisco de Assis dizia: "Eu sou o que sou diante de Deus." **Unum est necessarium:** "uma só coisa é necessária" diz Jesus a Marta

no Evangelho. (Lc 10,42). O maior de todos os negócios a tratar é o da salvação da própria alma.

Depois da morte de cada um, há o juízo particular. No fim do mundo, o juízo universal.

15. O SÍMBOLO DOS APÓSTOLOS

O resumo das verdades da Fé ensinadas pelos Apóstolos está no Credo, o qual é por isso chamado o Símbolo dos Apóstolos.

O Credo compreende doze artigos, a saber :

1. Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra.
2. E em Jesus Cristo, um só Seu Filho, Nosso Senhor.
3. O qual foi concebido do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria.
4. Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado.
5. Desceu à mansão dos mortos, no terceiro dia ressuscitou.
6. Subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso.
7. Onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
8. Creio no Espírito Santo.
9. A Santa Igreja Católica, a comunhão dos Santos.
10. A remissão dos pecados.
11. A ressurreição da carne.
12. A vida eterna.

A palavra **Credo** (ou "Creio") quer dizer : tenho por absolutamente certo tudo o que está contido nestes doze artigos; creio-o firmemente porque Deus, que não pode enganar-se nem nos enganar, revelou estas verdades à Santa Igreja, que as transmitiu a nós.

16. A ORAÇÃO

A oração é a elevação da alma a Deus para adorá-LO, agradecer-Lhe pelos benefícios recebidos, expiar os pecados e pedir-Lhe as graças de que necessitamos.

A oração pode ser mental ou oral. Mental, quando é feita só com a mente vocal, com as palavras. Estas palavras, porém, devem ser ditas atenta e fervorosamente. Do contrário, tornamo-nos merecedores da censura dirigida por Nosso Senhor aos judeus: "Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim" (Mc 7,6). O que quer dizer que não basta evitar as distrações na oração. É preciso procurar, em nossa vida, agradecer em tudo a Deus, isto é, cumprir a vontade divina, proceder como verdadeiro cristão, sem o que de nada valem as orações.

Para rezar bem, exigem-se certas disposições, tais como recolhimento, confiança e perseverança. As distrações, quando involuntárias, não tiram o mérito da oração; quando nós as provocamos, sim.

Tudo o que pedimos a Deus, devemos pedir em nome de Jesus Cristo, nosso Mediador único diante do Pai celestial. (1Tim 2,5 e Heb 8,6; 9,15 12,24). Daí o terminarem as orações oficiais da Igreja com aquela expressão: "por Nosso Senhor Jesus Cristo."

Cumprir o que for para a glória de Deus e para a salvação das almas. Bens temporais também, desde que não se oponham à salvação.

Se nossas orações não são sempre ouvidas, é porque muitas vezes pedimos o que não convém à salvação eterna, ou não está nos planos insondáveis de Deus, ou ainda por não rezarmos com as devidas disposições.

Deus sabe o que nos é necessário e útil, e sabe melhor do que nós o que nos convém. Por isso, nem sempre dá o que pedimos. Apesar de saber Ele perfeitamente o que precisamos, quer que rezemos, para assim testemunharmos nossa humilde submissão.

A oração não consiste apenas num petitório. Deve conduzir-nos à união com Deus pela vida contemplativa. Nesta se acha a sua perfeição. A vida contemplativa ou vida interior não é somente para os religiosos nos conventos e mosteiros. É para todos. É o prelúdio da vida eterna (ver número 58).

Diz Santo Agostinho que sabe viver bem aquele que sabe rezar bem.

17. O "PADRE-NOSSO"

A melhor das orações vocais é o "Padre-Nosso" ou "Pai-Nosso" (**Pater Noster**), que nos foi ensinado pelo próprio Jesus Cristo (Mt 6,9-13). Por este motivo é chamada a oração dominical, compondo-se de palavras ditadas por Nosso Senhor ("Dominical" vem do latim **Dominus**, que quer dizer Senhor.)

Nesta oração fazemos sete súplicas, precedidas de um preâmbulo, a saber:

Pai nosso, que estais no céu:

1. Santificado seja o vosso nome.
2. Venha a nós o vosso reino.
3. Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.
4. O pão nosso de cada dia nos dai hoje.
5. Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.
6. Não nos deixeis cair em tentação.
7. Mas livrai-nos do mal. Amém.

Na primeira súplica, pedimos que Deus seja conhecido, amado, honrado e servido por todos.

O reino de Deus tem uma tríplice significação: o reino de Deus em nós, isto é, a vida da graça; o reino de Deus na terra, pela Igreja Católica; e o reino de Deus no céu ou o paraíso.

Fazemos a vontade de Deus cumprindo os Mandamentos, correspondendo às graças e inspirações recebidas, ouvindo a voz da Igreja e desempenhando-nos dos nossos deveres, nas circunstâncias em que a Providência nos tenha colocado.

Pedimos o pão de cada dia, compreendendo-se por esta expressão o que é necessário para a alma e para o corpo. A vida da alma mantém-se principalmente pelo alimento da palavra divina e pelo Santíssimo Sacramento do Altar, em que recebemos Nosso Senhor Jesus Cristo realmente presente sob as espécies eucarísticas (ver número 46.)

Devemos perdoar ao nosso próximo pelas ofensas que possamos ter recebido, sem o que não nos é dado esperar de Deus perdão.

Finalmente pedimos a Deus que não nos deixe cair em tentação e nos livre do mal. A tentação é uma incitação ao pecado, po-

dendo vir do demônio, das pessoas perversas ou das nossas próprias paixões. Ter tentações não é pecado, peca aquele que consente nelas ou se expõe a ocasiões de pecar. Deus permite que sejamos tentados para provar a nossa fidelidade, fazer-nos crescer na virtude e aumentar os nossos méritos. Ele, contudo, não permite que ninguém seja tentado acima de suas próprias forças, e aos que têm boa vontade não rejeita o auxílio da graça, com a qual podem vencer as tentações.

O pecado é o maior de todos os males nesta vida, e a condenação eterna — castigo do pecado — é um mal irremediável. Quanto aos sofrimentos e tribulações, Deus neles consente para fazermos penitência dos pecados cometidos e sobretudo para imitarmos a Jesus Cristo, completando em nós a sua Paixão, como diz São Paulo, isto é, sofrendo com Ele a fim de sermos depois recebidos por Ele na glória (ver números 57 e 58).

18. A AVE-MARIA

Depois do Pai-Nosso, a grande oração é a Ave-Maria, chamada saudação angélica porque começa com as palavras que o Arcanjo Gabriel dirigiu a Nossa Senhora. Essas palavras são as seguintes: "Ave, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres" (Lc 1,28). Foram ditas quando aquele anjo veio anunciar a Maria, da parte de Deus, o mistério da Encarnação.

Seguem-se as palavras de Santa Isabel, prima de Nossa Senhora, ditas por inspiração do Espírito Santo, quando a Mãe de Deus, tendo já no seio seu Divino Filho, foi visitá-la, três meses antes que ela descesse à luz São João Baptista: "Bendita sois entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre" (Lc 1,42).

As outras palavras da Ave-Maria foram acrescentadas pela Igreja, e por elas pedimos a proteção de Nossa Senhora no decurso desta vida e especialmente na hora da morte.

Nossa Senhora é nossa Advogada junto a Jesus Cristo e Mediadora de todas as graças. É chamada a Onipotência Suplicante, porque sendo a Mãe de Deus, é impossível que Deus não a ouça. Daí o grande valor da devoção a Nossa Senhora, cujos devotos ela protege qual a mais terna e carinhosa das mães. São Luís Maria Grignion de Montfort ensina que, assim como o Filho de Deus veio a nós por Maria, é por Maria que iremos a Ele (ver número 9). E Dante, na belíssima oração à Virgem que põe nos lábios de São Bernardo (canto

XXIII do **Paraíso**), diz que pedir graças sem recorrer a Maria equivale a querer voar sem asas.

Ad Jesum per Mariam !

É prática muito recomendável a recitação do **Angelus**, pela manhã, ao meio-dia e às seis horas da tarde, para lembrar a anunciação do anjo São Gabriel a Nossa Senhora e aquela saudação que ele dirigiu à Mãe de Deus. São três Ave-Marias precedidas das palavras que nos fazem meditar no mistério da Encarnação e seguidas de uma oração final (ver Apêndice, número 4).

Até os últimos séculos da Idade Média rezava-se apenas a primeira parte da Ave-Maria (a saudação angélica e a de Santa Isabel). No século XII, que foi o século de São Bernardo, o grande devoto da Virgem, essa oração se foi difundindo amplamente entre os fiéis. Depois acrescentou-se a parte final.

19. O ROSÁRIO

Uma das melhores formas de honrar a Nossa Senhora é a oração do Rosário. Consiste em três terços, cada um dos quais com cinco dezenas de Ave-Marias precedidas de um Pai-Nosso e seguidas de um Glória ao Pai. Começa-se o Rosário com o Credo — que corresponde à cruz dos terços — e termina-se com a Salve Rainha.

O Rosário inicialmente foi pregado por São Domingos de Gusmão e seus irmãos da Ordem Dominicana, tendo o poder de nos alcançar muitas graças. No século XVI, quando se deu a terrível batalha naval de Lepanto, decisiva para a Cristandade ameaçada pelos turcos muçulmanos, que tinham uma armada mais potente e numerosa, o Papa São Pio V ficou rezando o Rosário no Vaticano, enquanto se defrontavam as frotas adversárias. Teve então uma visão do triunfo das armas cristãs, enviadas por Felipe II de Espanha, comandadas por D. João de Áustria e contando com a ajuda dos venezianos. Era o dia 7 de outubro, data que foi, por isso, marcada para celebrar-se a festa do Santo Rosário. Sobre o sepulcro de D. João de Áustria no Escorial, lê-se a frase do Evangelho referente a São João Baptista, que ali foi gravada: "Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João" (Jo 1,6).

Ensina o Cardeal Motta: "Aquilo que o ano litúrgico nos oferece no decurso de doze meses, o Rosário apresenta nas quinze décadas desta oração abençoada, para realizarmos nos nossos pensamentos e afetos os episódios mais marcantes da Vida, Paixão e Glória de Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro."

Nas dezenas do Rosário lembram-se, para meditação de quem o reza, os mistérios da Redenção, divididos em três partes. O primeiro terço é dedicado aos mistérios gozosos, o segundo aos dolorosos e o terceiro aos gloriosos, a saber :

Mistérios gozosos — 1) Anunciação do anjo São Gabriel a Nossa Senhora e Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo. 2) Visitação de Nossa Senhora à sua prima Santa Isabel. 3) Nascimento de Jesus em Belém. 4) Apresentação do Menino Jesus no templo e purificação de Nossa Senhora. 5) Perda e encontro de Jesus no templo.

Mistérios dolorosos — 1) Agonia de Jesus no Horto das Oliveiras. 2) Flagelação de Jesus. 3) Coroação de espinhos. 4) Jesus subindo ao Calvário com a Cruz às costas. 5) Crucifixão e morte de Jesus.

Mistérios gloriosos — 1) Ressurreição de Jesus. 2) Sua ascensão aos céus. 3) Vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos reunidos com Maria Santíssima no Cenáculo. 4) Assunção de Nossa Senhora. 5) Coroação de Nossa Senhora no Céu sobre todos os coros dos Anjos e Santos.

Depois de cada dezena é aconselhável que se diga — em seguida ao Glória ao Pai — esta jaculatória ensinada em Fátima pela própria Virgem : “Meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu e socorrei principalmente as que mais precisarem.”.

20. A INVOCAÇÃO DOS ANJOS E DOS SANTOS

Devemos freqüentemente recorrer aos Anjos e aos Santos. E sempre rezar também pelas almas que padecem no purgatório, cujas penas podemos abreviar ou aliviar com as nossas orações fervorosas (ver número 52).

Os Anjos são puros espíritos que Deus criou para a sua glória e o seu serviço. São as criaturas que, pela sua perfeição, mais se aproximam de Deus. Subsistem sem estar unidos a um corpo, e se os representamos de forma sensível ou figurada, é para ajudar a imaginação e porque assim apareceram aos homens, como lemos na Sagrada Escritura.

Sendo numerosíssimos, cada um deles constitui uma espécie distinta. Formam a hierarquia celeste, composta de nove coros angélicos, a saber : Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes,

Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos (Is 6,2 e 6; 37,16; Rom 8,38; Col 1,16; 1Tes 4,16).

Deus confia cada um de nós a um Anjo da Guarda, que nos assiste com boas inspirações, nos guia no caminho do bem, oferece a Deus as nossas orações e nos alcança as suas graças.

Por sua vez, as almas bem-aventuradas, no Céu, valem-nos perante Deus e são merecedoras de nossa veneração.

Aos Anjos e Santos devemos encomendar nossas intenções. De modo especial ao Anjo da Guarda; a São José, castíssimo esposo de Maria, protetor da Igreja e guarda das famílias cristãs; aos Santos Apóstolos e ao Santo do nosso nome. Não esquecer São Miguel Arcanjo, para que nos proteja contra as insídias do demônio, ele que submeteu Lúcifer e os anjos rebeldes quando se levantaram contra Deus (ver número 8 e Apêndice, número 5).

Há diferença muito grande entre as orações apresentadas a Deus e as dirigidas aos Anjos e aos Santos. Deus é o Autor de todas as graças, dá-nos os bens de que necessitamos e livra-nos do mal. Os Anjos e os Santos intercedem por nós para obtermos graças. São nossos advogados perante Deus e nos protegem pela sua intercessão. A Deus rezamos para adorá-LO, louvá-LO, agradecer-Lhe os benefícios recebidos, pedir perdão dos pecados e implorar graças. Aos Santos rezamos para louvar, agradecer e pedir que nos alcancem as mercês de Deus.

Cumpra aqui lembrar o dogma da Comunhão dos Santos, e também essa distinção entre o culto devido a Deus (**latria**) e o tributado aos Santos (**dulia**). A Deus prestamos adoração, a qual somente a Deus é devida. Aos Santos manifestamos nossa veneração, por terem sido servidores exemplares de Deus, donde o recorrermos também à sua intercessão. A Nossa Senhora rendemos uma veneração especialíssima, por ser a Mãe de Deus, criatura perfeitíssima, concebida sem pecado, Medianeira de todas as graças e Rainha dos anjos e dos santos. Assim, o culto da Virgem Imaculada é denominado **hiperdulia** (ver números 9 e 24).

21. A ORAÇÃO LITÚRGICA

Além da oração particular de cada fiel — a vocal e a mental —, cumpre considerar a oração pública ou a litúrgica, isto é, a oração oficial da Igreja. A liturgia é o conjunto dos símbolos, cânticos e atos pelos quais se faz essa oração. É o culto público integral do Corpo Místico de Cristo.

Na liturgia o rito e o texto são determinados pela autoridade competente. Clérigos, religiosos e mesmo leigos, em nome da Igreja, usam as fórmulas de oração pela Igreja, aprovadas para a recitação do Ofício Divino ou Liturgia das Horas. Os sacerdotes rezam o Ofício obrigatoriamente, assim como as comunidades religiosas. A Liturgia das Horas deve ser rezada, na medida do possível, comunitariamente, em consonância com a sua estrutura. Assim o fazem os religiosos, quando reunidos para orar no coro.

Dom Guéranger, Abade de Solesmes e restaurador da Ordem Beneditina na França, escreveu: "Confissão, oração, louvor, tais são os atos principais da religião, tais são também as formas principais da liturgia".

O ato mais importante e solene da liturgia é o Santo Sacrifício da Missa, centro de toda a religião católica.

São Pio X faz ver que "a participação ativa nos sagrados mistérios e na oração pública da Igreja é para os fiéis a origem primeira e indispensável donde há de derivar o verdadeiro espírito cristão".

22. O ANO ECLESIAÍSTICO

Esta vida é uma viagem rumo à Eternidade. Cumpre viver na graça de Deus, para assim alcançarmos a glória celestial (ver número 58). É o que fazemos, unindo-nos a Jesus Cristo, que disse: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6).

O ano litúrgico ou eclesiástico é dividido em dois ciclos: o ciclo temporal e o ciclo santoral.

No ciclo temporal comemoram-se o mistério da Encarnação e o da Redenção. Temos, primeiramente, o Natal, para festejar o nascimento de Jesus, preparado pelas quatro semanas do Advento. Ao Natal segue-se imediatamente a Epifania. Depois da Quarta-feira de Cinzas começa a Quaresma, tempo de preparação para a Páscoa, compreendendo quarenta dias para lembrar o jejum de Jesus Cristo no deserto, quarenta dias antes de começar as suas pregações. A Quaresma vai até à Semana Santa, quando se comemora a Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. A Semana Santa termina no Domingo de Páscoa, dia em que se celebra a Ressurreição do Senhor. O tempo pascal prolonga-se por cinquenta dias, até ao domingo de Pentecostes, que recorda a descida do Espírito Santo no cenáculo (ver número 12).

O ponto culminante de todo o ano litúrgico está no tríduo pascal da Semana Maior ou Semana Santa, abrangendo a tarde de quinta-feira (instituição da Sagrada Eucaristia), a sexta-feira (Paixão e Morte de Cristo), o sábado santo e o Domingo da Ressurreição. Quarenta dias após a Páscoa acompanhamos o Salvador na sua gloriosa Ascensão ao Céu, tendo início, no dia seguinte, a novena de Pentecostes.

Com tais comemorações a Igreja faz meditar e reviver a Paixão e o Triunfo de Cristo, que morrendo destruiu a nossa morte e cuja Ressurreição é o penhor de certeza da nossa Fé.

O ciclo santoral insere-se no decurso do ano eclesiástico, acompanhando-o com a lembrança dos Santos, que são festejados no dia da sua morte, quando começaram a viver na bem-aventurança eterna. Trata-se dos santos canonizados pela Igreja, cuja vida é apresentada aos cristãos para lhes servir de exemplo. A festividade de Todos os Santos (1.º de novembro) inclui a memória dos que se santificaram e estão no Céu sem ter seu nome inscrito entre os que já receberam a canonização.

Em honra de Nossa Senhora vários dias são reservados, sendo de destacar especialmente os consagrados à Imaculada Conceição (8 de dezembro) e à Assunção da Virgem (15 de agosto). O dia 12 de outubro assinala a festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

Na semana litúrgica, a Igreja celebra em cada domingo a Ressurreição do Senhor, conforme tradição apostólica que remonta aos tempos de Cristo. Os dias ordinários da semana são denominados fériais, cujos ofícios cedem lugar às outras celebrações superiores, exceto no Advento, na Quaresma e no Tempo Pascal. Nestas épocas as fériais possuem textos peculiares e precedência sobre as outras comemorações.

Como fruto de tradições piedosas, o mês de Maio ficou sendo o Mês de Maria, dedicado especialmente para honrar a Mãe de Deus. Assim também o mês de Março é consagrado a São José, cuja festa ocorre no dia 19 desse mês. Finalmente, não devemos esquecer Junho, mês do Coração de Jesus. A propósito desta devoção, de tão grande relevância na vida cristã, cumpre lembrar ainda a prática da Comunhão nas nove primeiras sextas-feiras, penhor de perseverança final, conforme a promessa do Coração de Jesus a Santa Margarida Maria de Alacoque em Paray-le-Monial.

Note-se que a oração pública é a dos sacerdotes em nome da Igreja, mas também se pode chamar pública a oração feita em co-

mum pelos fiéis nas peregrinações, nas procissões ou quando reunidos para as novenas, para o terço, etc.

O ano litúrgico tem por objeto :

- a) **celebrar** e atualizar a obra salvífica do Redentor;
- b) **venerar** a Santíssima Virgem Maria;
- c) **recordar** os Mártires e demais Santos;
- d) **associar** às celebrações litúrgicas os exercícios de piedade dos fiéis.

23. O DECÁLOGO

Todos os homens, pela luz da razão, sabem que devem fazer o bem e evitar o mal, conhecendo aquilo que é bom e aquilo que é mau. Chama-se a isto a lei natural. A consciência de cada um aponta-lhe o bem a fazer e o mal a evitar. A consciência reflete em nós a lei de Deus.

Deus, sendo o Autor da natureza, Criador de todo o universo, é também o Legislador Supremo. Ele rege o movimento dos corpos pelas leis físicas (por exemplo: a lei da gravidade) e o funcionamento dos organismos vivos pelas leis biológicas (por exemplo: a da circulação do sangue ou a da respiração). Uma e outras são leis naturais. Deus impõe também preceitos à atividade livre dos homens, daí decorrendo as leis morais. Estas constituem uma lei natural, ou seja, a lei da natureza racional do homem.

Em consequência do pecado, que lhes obnubilou a inteligência, e arrastados por vícios e paixões, os homens deixaram de ter o conhecimento perfeito da lei natural. Esta foi confirmada por Deus, quando deu a Moisés, no Monte Sinai, o Decálogo. Preceitos da lei natural acham-se claramente expressos nos Dez Mandamentos, que são os seguintes :

- 1. Amar a Deus sobre todas as coisas.
- 2. Não tomar seu Santo Nome em vão.
- 3. Guardar domingos e festas.
- 4. Honrar pai e mãe.
- 5. Não matar.

6. Não pecar contra a castidade.

7. Não furtar.

8. Não levantar falso testemunho.

9. Não desejar a mulher do próximo.

10. Não cobiçar as coisas alheias.

Os três primeiros Mandamentos dizem respeito precipuamente à honra de Deus; os sete últimos, ao proveito do próximo. Todos eles resumem-se no duplo preceito da caridade (amor de Deus e amor do próximo), isto é : amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

A justiça cristã consiste em fazer o bem e evitar o mal, confirmando o que já é um princípio da lei natural (ver número 35).

24. AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS

O primeiro Mandamento da lei de Deus é, em certo sentido, resumo do Decálogo e compreende os demais Mandamentos.

O amor de Deus é a Caridade, que se completa pelo amor do próximo. Deus é amor, e foi por amor que nos criou. Na 1.^a Epístola de São João (4,16) está escrito : “Deus é caridade, e quem permanece na caridade permanece em Deus e Deus nele” (ver número 4).

Mas o primeiro Mandamento tem uma significação especial, enquanto prescreve que coloquemos Deus acima de todas as coisas, reconhecendo no Ser absoluto, do qual todos os seres contingentes dependem, a superioridade que de fato Ele tem sobre tudo e sobre todos. Devemos, assim, adorar, amar e servir a Deus.

O primeiro Mandamento prescreve o culto interno e o culto externo.

O culto interno consiste em adorar a Deus com a inteligência e a vontade. Jesus disse : “Deus é espírito, e em espírito e verdade há de ser adorado” (Jo 4,24).

O culto externo é o que se presta a Deus por meio de atos exteriores e objetos sensíveis. Deve manifestar o culto interno, sem o qual fica privado de vida como um corpo sem alma ou uma árvore seca não vivificada pela seiva.

O culto de adoração a Deus (**latria**) não se confunde com o culto dos santos, sendo que a estes tributamos veneração (**dulia**) e a Nossa Senhora, uma veneração especialíssima (**hiperdulia**) por ser a Mãe de Deus (ver número 20).

A idolatria, a superstição, o sacrilégio e a heresia são pecados contra o primeiro Mandamento. A idolatria consiste em prestar a uma criatura o culto de adoração devido somente a Deus. Dá-se a superstição quando praticamos uma devoção contrária à doutrina e ao uso da Igreja, bem como quando atribuímos a uma ação ou a uma coisa uma virtude sobrenatural que ela não tem. Sacrilégio é a profanação de um lugar, de uma pessoa ou de uma coisa consagrada a Deus ou destinada ao seu culto. A heresia é um erro da inteligência, pelo qual se nega com obstinação uma verdade de Fé.

O primeiro Mandamento proíbe também trato com o demônio, como se dá nas missas negras e em certas práticas do espiritismo, e qualquer ato contra a religião, inclusive filiar-se ou dar apoio à Maçonaria e outras organizações anticatólicas, como é o caso do Partido Comunista.

O culto das imagens e a veneração das relíquias não se opõem ao primeiro Mandamento, antes pelo contrário são muito recomendáveis. A honra tributada às imagens de Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e dos Santos referem-se ao próprio Jesus Cristo, à Santíssima Virgem ou aos Santos que elas representam. Neste sentido cumpre salientar a adoração da Cruz, símbolo sublime do Cristianismo e sinal da Redenção (ver número 13). Quanto às relíquias dos santos, devem ser veneradas porque seus corpos foram membros vivos de Jesus Cristo e templos do Espírito Santo, (1Cor 3,16) e hão de ressurgir gloriosos para a vida eterna.

25. NÃO TOMAR O NOME DE DEUS EM VÃO

O segundo Mandamento proíbe:

- 1) pronunciar o nome de Deus com irreverência;
- 2) blasfemar contra Deus, contra Nossa Senhora e contra os anjos e os santos;

- 3) fazer juramentos falsos, vãos ou sem necessidade.

Pronunciamos o nome de Deus irreverentemente quando o proferimos com raiva, por brincadeira ou de qualquer maneira pouco respeitosa.

A blasfêmia é um pecado que consiste em proferir palavras de desprezo ou maldição contra Deus, Nossa Senhora, os anjos ou os santos, ou ainda contra coisas sagradas.

Jurar é tomar o nome de Deus como testemunho da verdade do que se diz ou do que se promete. Nem sempre é proibido jurar. Há ocasiões em que, legitimamente e honrando a Deus, devemos prestar juramento.

O segundo Mandamento manda-nos honrar o santo nome de Deus e cumprir os juramentos, os votos e as promessas.

É costume fazer promessas a Deus, a Nossa Senhora ou aos santos, para alcançar uma graça. Evidentemente não se há de fazer uma promessa tola e muito menos pedir algo que seja pecado. Neste caso, é claro que a promessa não tem valor e não deve ser cumprida.

26. GUARDAR DOMINGOS E FESTAS

O terceiro Mandamento prescreve a guarda dos domingos e dias santos.

No Antigo Testamento, o dia de sábado era particularmente solene para o povo hebreu e destinado a práticas do culto com que Deus fosse honrado de modo especial. No Novo Testamento, depois da Ressurreição, o sábado foi substituído pelo Domingo, para lembrar a ressurreição de Jesus Cristo, num Domingo ocorrida.

A Igreja estendeu o preceito dominical aos dias santos de guarda. Assim, no Brasil, o Natal (25 de dezembro), a comemoração da maternidade de Maria (1.º de janeiro), a festa da Imaculada Conceição (8 de dezembro) e a solenidade de **Corpus Christi** (quinta-feira subsequente ao domingo da Santíssima Trindade).

Como cumprimos este preceito?

Pela **adoração** e pelo **repouso**.

Devemos ir à Missa e abster-nos do trabalho manual, e não ser o estritamente necessário ao nosso sustento e ao serviço de Deus.

Para melhor guardar este Mandamento, é muito louvável que, nos Domingos e demais dias santificados, nos empenhemos em comungar com as devidas disposições, estudar religião e rezar mais do que nos outros dias.

Podemos também procurar recreações, isto é, entretenimentos lícitos, fugindo sempre dos divertimentos pecaminosos, das reuniões

perigosas e das más companhias. O terceiro Mandamento inclui a lei do trabalho. Desde sua expulsão do paraíso terrestre, após o pecado original, os homens devem trabalhar em espírito de penitência e purificação. O trabalho vale não só para ganhar dinheiro, mas ainda pelo bem que proporciona à sociedade e pela recompensa eterna que granjeia.

27. HONRAR PAI E MÃE

O quarto Mandamento prescreve o respeito e a obediência aos pais, bem como a prestação de auxílio nas necessidades espirituais e temporais.

Os pais, por sua vez, têm o dever de cuidar dos filhos, educá-los, dar-lhes bom exemplo, afastá-los das ocasiões de pecado e das más companhias, corrigir-lhes as faltas e os defeitos, enfim ajudá-los a seguir na vida o caminho que Deus tenha traçado para eles.

O modelo perfeito da família cristã é a Sagrada Família, em que Jesus, Deus feito homem, viveu submisso a Nossa Senhora e a São José.

O quarto Mandamento estende-se a todos os superiores, particularmente à autoridade legítima que governa a sociedade civil. Segundo ensinou o Apóstolo São Paulo, não há poder que não venha de Deus (Rom 13,1). Daí a obrigação de respeito e obediência ao governo e às leis. Note-se bem que esta obediência não é devida quando a autoridade nos impõe alguma coisa que vai contra a lei de Deus. Em Deus, fonte de todo o poder, está a suma autoridade, da qual as outras todas derivam e dependem. E importa obedecer antes a Deus do que aos homens (At 5,29).

A piedade filial é um sentimento que se dirige primeiramente a Deus, Criador de todos os seres e Pai de todos nós, e depois àqueles que foram os auxiliares de Deus para nos dar o ser.

O amor à pátria é também manifestação da virtude da piedade, como nos ensina Santo Tomás de Aquino, com estas palavras: "Depois de ser devedor a Deus, o homem o é maximamente em relação aos seus pais e à sua pátria. Por conseguinte, assim como corresponde à religião dar culto a Deus, assim também, num grau secundário, corresponde à piedade render culto aos pais e à pátria" (Suma Teológica, II^a, II^{ae}, q. 101, art. 1).

28. O QUINTO MANDAMENTO

Não matar. Eis o enunciado do quinto Mandamento. Proíbe tirar a vida do próximo, bater nos outros e fazer mal ao seu corpo. Proíbe também palavras injuriosas e qualquer mal que se queira fazer aos outros. Só Deus é o Senhor da vida, razão pela qual é também um pecado contra o quinto Mandamento o suicídio. Pelo mesmo motivo não é permitido o duelo. Outro gravíssimo pecado contra este preceito é o aborto.

Note-se, porém, que nos casos de legítima defesa, quando for necessário e em face de um agressor injusto, é lícito matar, uma vez que não haja outro meio de resguardar a própria vida. Da mesma forma, numa guerra justa e na execução de uma pena de morte ordenada pela autoridade, de acordo com a lei e em legítima defesa da sociedade.

O quinto Mandamento também proíbe prejudicar a vida espiritual do próximo pelo escândalo. Escândalo é uma palavra, um ato ou uma omissão que pode induzir alguém a cometer pecado. O escândalo, quando produz seu efeito, tira dos outros a vida da graça, que é infinitamente mais preciosa do que a vida corporal.

O quinto Mandamento nos ordena que perdoemos os nossos inimigos e queiramos bem a todos.

29. O SEXTO E O NONO MANDAMENTOS

O sexto Mandamento — não pecar contra a castidade — proíbe toda ação, todo olhar, toda palavra contra a virtude da pureza e proíbe também a infidelidade conjugal.

O nono Mandamento — não desejar a mulher do próximo — proíbe todo desejo contrário à fidelidade jurada pelos esposos quando se casaram. Aqui se incluem ainda todo pensamento culposos e todo desejo de atos que vão contra o sexto Mandamento.

A impureza é um pecado muito grave e um vício abominável diante de Deus e dos homens. Reduz o homem à condição de irracional, fazendo-o levar-se só pelos instintos, como os animais. Ostentar e propagar esse vício, através da pornografia, é obra de corações perversos e de consciências endurecidas no mal.

Os pensamentos contra a pureza, que muitas vezes nos podem assaltar, não são por si mesmos pecaminosos, mas são tentações e

incitações ao pecado. Tornam-se pecaminosos quando lhes damos consentimento e neles nos detemos.

A castidade é o esplendor das almas fortes. Os fracos é que se escravizam às suas paixões e não são capazes de resistir às tentações da carne. Para vencer a estas tentações, devemos procurar a força que nos vem da graça de Deus, pois a nossa natureza está enfraquecida pelo pecado original. Devemos rezar, pedir a proteção de Nossa Senhora, que é a Mãe da pureza, pensar que Deus nos vê, meditar na morte e nos castigos do pecado, comungar freqüentemente com as devidas disposições, pois a Eucaristia é o “pão dos fortes”. Cumpre também fugir das ocasiões de pecado, porquanto quem nestas se coloca facilmente peca. Importa evitar com todo o cuidado a ociosidade, as más companhias, as más leituras, as imagens indecentes e os lugares e espetáculos perigosos.

Há três estados na castidade:

- 1) a castidade virginal, dos que guardam a virgindade;
- 2) a castidade matrimonial, dos que observam as leis do matrimônio cristão no que diz respeito às relações entre os esposos;
- 3) a castidade penitente, dos que, tendo perdido esta virtude, a recuperaram, e pela penitência repararam os pecados cometidos.

30. O SÉTIMO E O DÉCIMO MANDAMENTOS

O sétimo Mandamento — não furtar — proíbe apossar-se injustamente das coisas dos outros ou de qualquer modo prejudicar o próximo nos seus bens.

Por dois modos podemos apossar-nos injustamente das coisas alheias: pelo roubo, quando há violência; ou pelo furto, ocultamente e sem violência. Ambos são pecados contra a justiça.

Da mesma forma, quando encontramos uma coisa de grande valor, e que esteja perdida, não devemos simplesmente ficar com ela, mas procurar saber quem é o seu dono e entregá-la a este.

O sétimo Mandamento proíbe também as fraudes nos negócios e a usura ou juros excessivos. Os patrões devem pagar justo salário aos empregados, e os comerciantes devem pedir o justo preço pelas mercadorias que vendem.

Quem peca contra o sétimo Mandamento, para obter o perdão não basta confessar-se, deve restituir ao próximo o que lhe tirou e reparar os prejuízos causados.

O sétimo Mandamento consagra o direito de propriedade. A propriedade privada é legítima em face da lei natural e da lei divina positiva. Por isso, neste Mandamento está condenado o comunismo como sistema econômico (além de o ser pela sua ideologia materialista), pois ele transfere a propriedade dos particulares para o Estado. Por esse motivo, os Papas Leão XIII e Pio XI, respectivamente nas Encíclicas **Rerum novarum** e **Quadragesimo anno**, fizeram ver que um católico não pode ser socialista (o que foi reiterado noutros documentos dos mesmos e de outros Pontífices). Na citada Encíclica Leão XIII condena também a “usura voraz” dos capitalistas sem consciência. O mau uso da propriedade, fomentado pelo capitalismo liberal, vai contra a lei de Deus e, conforme as palavras de Leão XIII, levou certos patrões a imporem “um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários”.

Relaciona-se este Mandamento com o décimo: não cobiçar as coisas alheias. Cada um deve contentar-se com a sua situação, seja rico, seja pobre, o que não impede que possa, por meios lícitos, procurar alcançar melhoras. Na boa ordem social cristã, uma justa repartição dos bens deve ser assegurada, não com a destruição, mas com a melhor distribuição da propriedade. Não nos esqueçamos, porém, de que Jesus Cristo se fez pobre por amor de nós e recompensa de modo especial os que suportam com paciência a pobreza, como reple os maus ricos de que nos fala na parábola de Lázaro (Lc 16,19-31.)

31. O OITAVO MANDAMENTO

Não levantar falso testemunho.

Este Mandamento proíbe depor falsamente em juízo. Refere-se também à detração ou murmuração, à calúnia, à adulação, ao juízo temerário e a toda espécie de mentira.

A mentira torna-se pecado mortal quando é perniciosa e causa prejuízos graves a outrem.

Não precisamos sempre dizer tudo o que pensamos, mas nunca devemos dizer o contrário do que pensamos.

Quem peca contra o oitavo Mandamento, para obter o perdão, caso tenha proferido alguma calúnia, deve, além de confessar-se, desmentir publicamente o que disse.

O oitavo Mandamento ordena-nos dizer a verdade e interpretar no bom sentido, quando não houver razão em contrário, as ações do próximo.

32. OS MANDAMENTOS DA IGREJA

Somos obrigados a observar os Mandamentos da Lei de Deus, e basta pecar gravemente contra um só deles para merecermos o inferno. Além disso, a Igreja nos dá preceitos com o fim de nos ajudar a viver como filhos de Deus e assim alcançar a felicidade eterna.

A autoridade com que os impõe, recebeu-a a Igreja do próprio Jesus Cristo, e por isso quem desobedece à Igreja, desobedece ao próprio Deus.

Esses preceitos são os seguintes :

1. Ouvir Missa inteira aos Domingos e dias santos de guarda.
2. Confessar-se ao menos uma vez cada ano.
3. Comungar ao menos pela Páscoa da Ressurreição.
4. Jejuar e abster-se de carne quando manda a Santa Madre Igreja.
5. Pagar dízimos segundo o costume.

O quarto preceito da Igreja manda jejuar e abster-se de carne na Quarta-feira de Cinzas e na Sexta-feira Santa. Estendia-se antes o preceito a todas as sextas-feiras do ano. A Santa Sé autorizou os católicos do Brasil a substituir a abstinência semanal por outras formas de penitência (Missa, Via-Sacra, orações diversas, esmolas, etc.). Quem quiser observar a abstinência, é muito louvável que o faça, podendo entretanto procurar outras mortificações. A obrigação do jejum começa aos 21 anos e termina aos 60, sendo a abstinência obrigatória a partir dos 14.

Os dízimos são ofertas ou contribuições dos fiéis, estabelecidas para reconhecer o supremo domínio de Deus sobre todas as coisas

e sustentar os ministros do altar, sendo também um meio de fazer face às despesas do culto.

33. OS DEVERES DE ESTADO E OS CONSELHOS EVANGÉLICOS

Deveres do próprio estado são aquelas obrigações particulares que cabem a cada pessoa em virtude da sua condição de vida, dos trabalhos que lhe incumbem e da situação em que se encontra.

A vontade de Deus manifesta-se claramente na vida de cada um de nós pelos Dez Mandamentos, pelos preceitos da Igreja, pelos deveres de estado. Estes deveres, aliás, resultam dos preceitos contidos no Decálogo. Assim, do quarto Mandamento decorre para os filhos os deveres de respeito e de obediência aos pais, e para os pais a obrigação de exercer a devida vigilância sobre os filhos e de educá-los convenientemente. Os deveres de fidelidade, de sinceridade, de justiça, de equidade, derivam do sétimo, do oitavo e do décimo Mandamento, que vetam a fraude, a injustiça e a duplicidade.

As pessoas consagradas a Deus, que fizeram votos religiosos, compete, de acordo com o segundo Mandamento, cumprí-los observando os conselhos evangélicos.

Esses conselhos são meios propostos por Jesus Cristo no Evangelho para se alcançar a perfeição cristã, a saber : pobreza voluntária, castidade perpétua e obediência completa em tudo o que não seja pecado.

Tais conselhos asseguram melhor a salvação eterna, por facilitarem a observância dos Mandamentos. Ajudam-nos a desapegar o coração do amor dos bens terrenos, dos prazeres e das honras, e assim nos afastam do pecado.

Todo cristão deve procurar a própria perfeição no estado em que se encontra. "Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48) são as palavras de Jesus para todos nós (ver número 42).

34. AS VIRTUDES CARDEAIS

As virtudes cardeais são quatro :

Prudência

Justiça

Fortaleza

Temperança

São chamadas cardeais porque constituem o eixo ou a base de todas as virtudes (da palavra latina **cardo**, que significa eixo, gonzo, dobradiça). Como uma porta gira em torno das dobradiças, toda a nossa vida moral fundamenta-se naquelas virtudes.

A **prudência** dirige os nossos atos para os fins convenientes; faz-nos compreender o bem que devemos praticar e o mal que devemos evitar.

A **justiça** é a virtude pela qual damos a cada um o que lhe é devido.

A **fortaleza** reveste-nos de coragem para enfrentar as dificuldades da vida e não temer nenhum perigo, nem mesmo a morte, quando se trata de não ofender a Deus.

A **temperança** leva-nos a usar moderadamente os bens temporais, restando-nos nos prazeres sensíveis.

35. A JUSTIÇA CRISTÃ

A justiça pode ser entendida com dupla significação. Em sentido amplo, ela designa a perfeição moral. Em sentido restrito, é uma das virtudes cardeais, consistindo em dar a cada um o que lhe é devido. Ensina São Boaventura: "a justiça, em sentido restrito, é uma virtude cardinal, distinta das outras; em sentido lato, compreende em geral todas as virtudes" (Comentário às Sentenças, livro III, art. único).

A justiça enquanto perfeição moral foi assim considerada pelos filósofos gregos — Platão e outros — e acha-se claramente expressa na Bíblia.

No livro do Gênesis está escrito que Noé era um homem justo, e por isso foi poupado por Deus quando do castigo enviado à humanidade pecadora, com o dilúvio. No livro de Jó diz-se: "o justo persistirá no seu caminho, e quem tem as mãos puras sentir-se-á fortalecido" (Jó 17,9). No Evangelho de São Mateus há uma referência a São José, chamado o justo (Mt 1,19).

Nesses casos, a justiça é tomada no sentido amplo para significar o conjunto de todas as virtudes.

A justiça cristã está em fazer o bem e evitar o mal. É a justiça aperfeiçoada pela caridade, indo até ao esquecimento da própria pessoa pelo bem do próximo. É também o fundamento de toda a ordem social bem estruturada.

Jesus Cristo disse: "Se a vossa justiça não for mais perfeita que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus" (Mt 5,20).

Entre os antigos, antes de Cristo, aplicava-se a lei do talião: "olho por olho, dente por dente". Mas a justiça cristã é incompatível com esse preceito draconiano, pois ela, num aprimoramento vindo da caridade, manda perdoar aos nossos inimigos, desde que a caridade se estende a todos os homens, mesmo a quem nos faça mal.

No Sermão da Montanha, Jesus proclamou bem-aventurados "os que têm fome e sede de justiça" (Mt 5,6).

36. AS VIRTUDES TEOLOGAIS

Três são as virtudes teologais:

Fé

Esperança

Caridade

Chamam-se teologais (do grego **Theos** ou Deus e **logos** ou discurso, conhecimento, ciência) porque têm a Deus por objeto e autor. Tais virtudes são infundidas em nós por Deus.

Pela Fé nós cremos em Deus e em tudo o que Ele revelou. Pela Esperança, esperamos possuir a Deus no Céu. Pela Caridade, amamos a Deus e em Deus amamos a nós mesmos e ao próximo.

Recebemos essas virtudes, que são dons de Deus, no Batismo. Uma vez chegados à idade da razão, devemos fazer atos de Fé, de Esperança e de Caridade.

A Fé é uma virtude sobrenatural infundida por Deus em nossas almas, pela qual, apoiados na autoridade do mesmo Deus, cremos em tudo o que Ele revelou e nos propõe pela sua Igreja. É uma adesão da inteligência à verdade revelada. Cremos, porque foi Deus que revelou, e Ele não pode enganar-se nem nos enganar. Mediante o magistério da Santa Igreja, conhecemos as verdades reveladas por Deus, isto é, por intermédio do Papa, sucessor de São Pedro, e dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, que foram instruídos pelo próprio Jesus Cristo.

As verdades reveladas estão contidas na Sagrada Escritura e na Tradição (ver número 7).

A **Esperança** é uma virtude sobrenatural infundida por Deus em nós, pela qual desejamos e esperamos a vida eterna na Bem-aventurança celestial, prometida por Deus aos que obedecem a seus Mandamentos, e esperamos também as graças necessárias para obtê-la.

A **Caridade** é uma virtude sobrenatural igualmente infundida por Deus, pela qual amamos a Deus acima de todas as criaturas e ao próximo como a nós mesmos por amor de Deus.

37. A LEI DO AMOR

Jesus Cristo, no Evangelho, preceitua a Caridade como o máximo Mandamento. O amor de Deus e do próximo é o resumo da lei de Deus.

Disse Jesus aos Apóstolos que este é o maior dos Mandamentos: “ama a Deus com todo o teu coração, toda a tua alma, todas as tuas forças e toda a tua mente” (Mt 22,34-40 e Mc 12,28-31). Logo a seguir: “ama a teu próximo como a ti mesmo”.

Disse-lhes também: “Eu vos dou um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 13,34). Mandamento novo porque a lei antiga era a lei do temor e nela mandava-se amar o próximo mas sem chegar à perfeição de amar os próprios inimigos. A lei nova prescreve o perdão dos inimigos, como está no Pai-Nosso (“perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”) e outrossim que lhes estendamos o nosso amor. Além disso, Cristo diz: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15,12). A medida que Ele dá para o amor ao próximo é, pois, a do seu próprio amor, perfeito e infinito. Que maior prova de amizade do que dar a vida pelo seu próprio amigo? E foi o que fez Cristo por nós, morrendo até pelos seus inimigos e pedindo, do alto da Cruz, ao Pai Celeste, perdão por aqueles que O haviam crucificado.

São Paulo faz ver que, das três virtudes teológicas, a Caridade é a maior e permanece para sempre (1Cor 13,8 a 13), o que não ocorre com as demais. Com efeito, no Céu não haverá mais lugar para a Fé, porque veremos a Deus. Aqui cremos; no Céu veremos. Nem para a Esperança, pois, lá, já estaremos na posse de Deus, objeto

da nossa Esperança enquanto peregrinamos pela terra. A Caridade, sim, permanecerá, tornando-se ainda maior. A felicidade eterna consiste precisamente em contemplar e amar a Deus.

38. A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE NA VIDA CRISTÃ

Quando uma criança era levada à pia batismal, o sacerdote começava, segundo o antigo rito da administração do sacramento, perguntando: “Que pedes à Igreja de Deus?” O padrinho respondia: “a Fé”. O sacerdote continuava: “Que te proporciona a Fé?” E o padrinho dizia: “A vida eterna”. Modificadas hoje as fórmulas de expressão, o ensinamento aí contido vale permanentemente.

São Paulo ensina que “sem a Fé é impossível agradar a Deus” (Heb 11,6).

Sem a graça é, em absoluto, impossível a salvação eterna, e a graça santificante está sempre unida inseparavelmente à Fé, à Esperança e à Caridade.

O Padre Emmanuel, em suas *Lettres sur la Foi*, ensina que a Fé pode crescer, diminuir ou perder-se. Contribuem singularmente para o aumento da Fé a instrução religiosa e a piedade (oração e vida sacramental). Expõe-se a perdê-la quem se deixa levar pelas máximas do mundo. Se diminui em alguns depois do Batismo, noutros em seguida à Primeira Comunhão, é por falta de instrução religiosa e por não se acautelarem contra o ateísmo prático do mundo em que vivem (os jovens, no ambiente das escolas; os adultos, no mundo dos negócios e com preocupações, não ordenadas para Deus). Como os Apóstolos, devemos pedir: “Senhor, aumentai em nós a Fé” (Lc 17,5).

No capítulo 13 da 1.^a Epístola aos Coríntios escreve o Apóstolo das Gentes: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver Caridade sou apenas um bronze que soa e um címbalo que tange. E ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que possua a plenitude da Fé a ponto de transportar montanhas, se não tiver Caridade nada sou. E ainda que eu distribua aos pobres todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se eu não tiver a Caridade nada disto me aproveita. A Caridade é paciente, é benigna; a Caridade não é invejosa, não procede precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não procura seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça mas se congratula com a verdade; tudo releva, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

Finalmente, uma palavra a mais sobre a Esperança. Ela se aperfeiçoa na confiança em Deus, a cuja Providência sapientíssima e paternal devemos entregar-nos totalmente, lembrando-nos de que nada acontece que não esteja nos Seus desígnios imperscrutáveis. Cumpre ainda ter presente que Deus quer que todos os homens se salvem e que, como ensina o Apóstolo São Paulo, Ele "em tudo coopera para o bem daqueles que O amam" (Rom 8,28). O que nos afasta de Deus é o abuso da liberdade, levando-nos a cometer deliberadamente o pecado e a merecer as penas eternas do inferno. A falta de correspondência às graças atuais concedidas por Deus diminui e pode até extinguir a Fé, a Esperança e a Caridade, frutos da graça santificante (ver número 53).

A prática dessas três virtudes cardeais identifica-nos a Cristo e faz-nos viver a sua vida.

39. AS ESPÉCIES DE PECADO E OS VÍCIOS CAPITAIS

A transgressão voluntária dos Mandamentos é o pecado, que, como já foi visto (número 8), pode ser mortal ou venial.

O pecado mortal produz a morte da alma, tornando-nos merecedores do inferno. Essa morte da alma consiste em perder, o homem, a graça de Deus, isto é, a vida sobrenatural. É sempre em matéria grave, e para haver pecado mortal é preciso que haja plena advertência da inteligência e pleno consentimento da vontade.

O pecado venial é desse modo chamado porque dele se obtém mais facilmente o perdão de Deus, mas assim mesmo diminui o ardor da caridade e torna o homem propenso ao pecado mortal.

Podemos pecar por pensamentos, palavras, obras e omissões.

O Batismo apaga o pecado original e todos os pecados que tenha cometido aquele que vai ser batizado (ver número 44). Depois do Batismo há um outro sacramento que se torna para nós tábua de salvação: é a Penitência ou Confissão. O pecado mortal é perdoado na Confissão, ou então mediante um ato de contrição sincero unido ao desejo de confessar-se (ver número 48).

O pecado é um ato passageiro, ao passo que o vício é hábito ou disposição contraído pela repetição dos atos maus. Origina-se de um pecado, que, cometido várias vezes, torna permanente essa disposição para o mal.

Entre os vícios há alguns que são chamados capitais porque deles procedem todos os outros.

Os vícios capitais são sete, a saber:

Soberba ou orgulho

Avareza

Luxúria ou impureza

Ira

Gula

Inveja

Preguiça

Esses vícios se vencem com as virtudes que lhes são opostas: a soberba vence-se com a humildade; a avareza, com a liberalidade; a luxúria, com a castidade; a ira, com a paciência; a gula, com a temperança; a inveja, com a caridade; a preguiça, com a diligência e o fervor no serviço de Deus.

Como o vício é o hábito do mal, a virtude é o hábito do bem.

40. OS PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO E OS PECADOS QUE BRADAM AO CÉU

Há alguns pecados de suma gravidade, que uma alma comete quando está voltada contra Deus e tende a ficar empedernida. São os pecados contra o Espírito Santo. E assim são chamados porque, cometidos por pura malícia, vão diretamente contra a bondade personificada pelo Espírito Santo.

Ei-los:

- 1) desesperação da salvação;
- 2) presunção de salvar-se sem merecimento;
- 3) negação da verdade conhecida como tal;
- 4) inveja das mercês que Deus faz a outrem;
- 5) obstinação no pecado;
- 6) impenitência final.

São pecados que bradam ao Céu e clamam a Deus vingança os seguintes :

- 1) praticar homicídio voluntário;
- 2) cometer ato de sensualidade contra a natureza;
- 3) oprimir os pobres, órfãos e viúvas;
- 4) negar salário aos que trabalham.

A malícia de tais pecados é manifesta e gravíssima, o que provoca o mesmo Deus a puni-los com os mais rigorosos castigos.

41. REMORSO, ARREPENDIMENTO E PENITÊNCIA

O remorso é uma dor interna que sentimos pelo mal por nós mesmos cometido. A consciência nos acusa e censura.

O arrependimento é a dor que sentimos interiormente por termos ofendido a Deus, acompanhada dum firme propósito de emenda. O que nos alcança de Deus o perdão pelos pecados cometidos é o verdadeiro arrependimento. O remorso não basta. E a pedra de toque do arrependimento está no propósito firme de não pecar mais.

Judas, depois de ter vendido a Jesus, sentiu remorso sem todavia dar manifestação de estar arrependido. Desesperou-se e foi enforcar-se. São Pedro, depois de ter negado a Jesus, arrependeu-se com lágrimas amargas, procurando daí em diante ser fiel e crescer no amor de Deus.

Pela penitência tratamos de reparar os próprios pecados e assim desagrar a Justiça Divina. Distingue-se a penitência-sacramento da penitência-virtude. O Sacramento da Penitência é chamado também Confissão (ver número 48). A virtude da penitência é a disposição de desagrar a Deus pelas ofensas próprias ou dos outros. Daí também as mortificações e os sacrifícios. Obras de penitência são a oração, o jejum e a esmola.

São João Baptista, o Precursor, anunciando a vinda de Cristo, fez ver aos homens que devem fazer penitência para merecer o Céu (Mc 1,15).

Nossa Senhora, em Fátima, recomendou a oração e a penitência para que o mundo seja livre do comunismo.

42. A HUMILDADE

A humildade é virtude da maior importância para a nossa vida. Por não a conhecerem e praticarem divididamente, muitos homens, dotados de grandes dons recebidos de Deus, deixam-se levar pelo orgulho e pela vaidade. O orgulho, vício capital, é a raiz de todo o pecado. A humildade é o fundamento de todas as virtudes e a base da vida espiritual.

A humildade é a verdade. Nasce do conhecimento de Deus e do conhecimento próprio, fazendo-nos reconhecer a nós mesmos como somos diante de Deus, de Quem recebemos o ser e tudo o que temos de bom. Os antigos gregos, nas escolas de filosofia, recebiam aquele ensinamento : "Conhece-te a ti mesmo". O conhecimento próprio, porém, não basta, e ele só pode ser perfeito desde que conheçamos a Deus, a cuja imagem e semelhança fomos criados.

São Roberto Belarmino observa que a humildade é a virtude de Cristo. Nos livros dos filósofos antigos não se acha menção dela. Cristo a ensinou com o exemplo, em toda a sua vida, e com a palavra, como se pode ver em passagens do Evangelho.

Não se deve confundir humildade com humilhação e rebaixamento, embora seja certo que os humildes sofrem pacientemente as humilhações. Além disso, a humilhação, no dizer de São Bernardo, pode ser caminho para a humildade.

O orgulho e a vaidade são o oposto da humildade e nascem de um exagerado amor próprio, que a humildade corrige. O orgulho é um sentimento de superioridade e exaltação de si mesmo. A vaidade faz alguém deleitar-se demais com os louvores e elogios que lhe são dirigidos. Quando estes são justos, devemos agradecer a Deus, de quem recebemos todo bem. A soberba ou orgulho é um vício capital, raiz e fonte de todos os pecados e vícios (ver número 39).

Diz-nos Jesus, no Evangelho : "aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29). E também : "sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48); (ver número 33). Isto quer dizer que cada um de nós deve tender à perfeição, o que não é contra a humildade, pois assim o fazendo, põe toda a confiança na graça de Deus, sem a qual é impossível praticar perfeitamente o bem. Seria falta de humildade, sim, pretender chegar à perfeição pelas próprias forças, esquecendo-se de mais esta palavra de Jesus : "Sem Mim nada podeis fazer" (Jo 15,5).

Deus quer que todos sejam santos, e cada um de nós tudo pode quando fortalecido pela graça divina. A aspiração à santidade não

é, pois, falta de humildade, até pelo contrário, é prova de humildade, uma vez que, para sermos santos, temos que nos entregar inteiramente a Deus e renunciar às nossas paixões e comodidades, o que os orgulhosos não fazem.

No seu livro "O Critério", diz Balmes, tecendo considerações acerca da humildade, que esta virtude nos faz conhecer o limite das nossas próprias forças, nos revela os próprios defeitos, impede de exagerarmos nossos merecimentos e de nos exaltarmos acima dos outros, não permite desprezarmos a ninguém e nos leva a aproveitar os bons exemplos.

Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes (Tg 4,6 e 1Pdr 5,5).

43. OS SACRAMENTOS

Conforme vimos até agora, a vida cristã é a vida da graça. Recebemos a graça pela primeira vez no Batismo, que nos incorpora ao Corpo Místico de Cristo. O Batismo é um dos Sacramentos da Igreja.

Lemos no 3.º Catecismo da Doutrina Cristã de São Pio X: "Para nos salvarmos não basta que Jesus Cristo tenha morrido por nós, mas é necessário que sejam aplicados, a cada um de nós, o fruto e os merecimentos da sua Paixão e Morte, aplicação que se faz, sobretudo, por meio dos Sacramentos, instituídos para este fim pelo mesmo Jesus Cristo; e como muitos ou não recebem os Sacramentos ou não os recebem com as condições devidas, eles tornam inúteis para si próprios a morte de Jesus Cristo".

Os Sacramentos são sinais sensíveis instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo para nos dar a graça (ver número 53). Produzem sempre o seu efeito contanto que os recebamos com as devidas disposições.

Dizemos que os Sacramentos são sinais sensíveis e eficazes da graça porque eles significam, por meio de coisas sensíveis, a graça que produzem na alma. Assim, no Batismo a água derramada na cabeça daquele que é batizado e as palavras ditas por quem o administra, são os sinais sensíveis. Como a água lava o corpo, a graça dada pelo Batismo purifica a alma do pecado.

Há sete Sacramentos:

1. Batismo (que nos faz cristãos ou membros de Cristo e da Igreja).

2. Confirmação ou Crisma (que nos faz soldados de Cristo).
3. Eucaristia (que nos une a Cristo).
4. Penitência ou Confissão (que nos reconcilia com Cristo).
5. Unção dos enfermos (que nos prepara para comparecer diante de Cristo).
6. Ordem (que faz os sacerdotes de Cristo).
7. Matrimônio (que une os esposos com Cristo e sua Igreja).

Em todo Sacramento há matéria, forma e ministro.

A matéria sacramental é a coisa sensível que se emprega; por exemplo, a água natural no Batismo, o óleo e o bálsamo na Confirmação. A forma consiste nas palavras pronunciadas. O ministro do Sacramento é a pessoa que o administra.

Dois são os Sacramentos mais necessários à salvação: o Batismo e a Penitência. O Batismo, para todos; e a Penitência, para os que cometeram pecado mortal depois do Batismo. O maior de todos os Sacramentos é a Eucaristia, pois contém não somente a graça, mas o próprio Autor da graça e de todos os Sacramentos, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Há Sacramentos que só se recebem uma vez: o Batismo, a Crisma e a Ordem. E só uma vez se pode receber porque eles imprimem caráter (Ef 1,13; 4,30; 2Cor 1,21; Jo 6,27).

O caráter impresso na alma por cada um desses Sacramentos é um sinal espiritual que não se pode apagar mais. O Batismo marca-nos para sempre como membros do Corpo Místico de Cristo; a Confirmação ou Crisma, como seus soldados; a Ordem, como seus ministros.

44. O BATISMO

O Batismo é o Sacramento pelo qual renascemos para a graça de Deus e nos tornamos cristãos. Apaga o pecado original e também o atual se houver (ver número 8 e 39). Faz-nos filhos de Deus, membros da Igreja e herdeiros do Paraíso, tornando-nos aptos a receber os outros Sacramentos.

O ministro do Batismo é o sacerdote, mas em caso de necessidade qualquer pessoa pode batizar (é o que deve ser feito quando

quem precisa ser batizado está prestes a morrer e não é possível encontrar logo um padre).

Para batizar, derrama-se água natural sobre a cabeça ou outra parte importante do corpo, dizendo ao mesmo tempo: "Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". (Mt 28,19).

A fim de que o Batismo seja válido, quem batiza deve ter a intenção de fazer o que faz a Igreja quando administra esse Sacramento e observar o ritual acima descrito sem modificar as palavras a serem ditas.

Quem recebe o Batismo obriga-se a professar a Fé e a cumprir a Lei de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo renuncia a Satanás, às suas obras e às suas pompas, isto é, aos pecados e às máximas do mundo, que são contra as máximas do Evangelho (ver número 56 e 57).

A quem se batiza é costume dar-se o nome de um santo, que ficará sendo o seu padroeiro celeste.

Pecam gravemente os pais que deixam morrer os filhos sem Batismo ou tardam o Batismo dos filhos expondo-os ao risco de não se salvarem.

O adulto que recebe o Batismo deve estar instruído nas verdades elementares da Fé e ter a dor pelo menos imperfeita dos pecados que tenha cometido. Da mesma forma, os padrinhos devem ter essa instrução e levar uma vida verdadeiramente cristã.

A falta do Batismo pode ser suprida pelo martírio (Batismo de sangue) ou por um ato de amor perfeito de Deus e de contrição, com o desejo pelo menos implícito de batizar-se (Batismo de desejo).

45. CONFIRMAÇÃO OU CRISMA

A Confirmação ou Crisma é um Sacramento que nos dá o Espírito Santo, imprime na alma o caráter de soldado de Cristo e nos faz perfeitos cristãos. Os dons do Espírito Santo conduzem-nos à santidade (ver número 54).

Faz-nos perfeitos cristãos porque nos confirma na Fé e aperfeiçoa as virtudes e os dons que recebemos no Batismo (daí o chamar-se "Confirmação").

Para recebermos dignamente este Sacramento é preciso que nos achemos em estado de graça, que conheçamos os mistérios principais

da nossa Fé (ver número 13) e que do Sacramento nos aproximemos com reverência e devoção.

O ministro da Confirmação é o Bispo, ou um sacerdote com a devida autorização.

O crisma(*) é formado por óleo de oliveira misturado com bálsamo, consagrados pelo Bispo na Quinta-Feira Santa. O óleo significa a graça difundida na alma por este Sacramento; e o bálsamo, que é perfumado e preserva da corrupção, indica que o cristão, fortificado por essa graça, é capaz de espalhar o aroma das virtudes cristãs e preservar-se dos vícios.

Faz-se a unção — significada pela palavra "crisma" — sobre a fronte, lugar onde aparecem os sinais do temor e da vergonha, para dar a entender ao crismando que ele não deve envergonhar-se do nome da profissão de cristão, nem ter medo dos inimigos da Fé, mas antes estar pronto a sofrer todas as afrontas e penas para ser fiel a Deus.

A forma da Confirmação usada na Igreja Romana desde o século XII era: "Eu te assinalo com o Sinal-da-Cruz, e te confirmo com o crisma da salvação, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." Em janeiro de 1973 foi restabelecida em toda a Igreja a forma antiga do rito bizantino, conferindo-se a Crisma com a imposição das mãos e com as palavras: "Recebe o sinal do dom do Espírito Santo".

Tanto os padrinhos do Batismo como os da Confirmação devem ser pessoas católicas, instruídas na religião e de bons costumes, devendo o padrinho da Crisma ser do mesmo sexo que o crismando.

46. EUCARISTIA

A Eucaristia é o Sacramento que contém verdadeira, real e substancialmente o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo Nosso Senhor, debaixo das espécies ou aparências de pão e de vinho, para nosso alimento espiritual.

A presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia explica-se pela maravilhosa conversão de toda a substância do pão no Corpo e de toda a substância do vinho no Sangue do mesmo Jesus.

(*) Emprega-se aqui a expressão no masculino para distinguir entre o óleo ou o crisma e o Sacramento (a Crisma ou Confirmação).

É o que se chama a transubstanciação. Essa conversão se opera durante a Santa Missa, no momento em que o sacerdote pronuncia as palavras da consagração. Quem deu tanto poder a essas palavras foi o próprio Jesus Cristo, ao proferi-las na última ceia.

O pão de trigo e o vinho de uva são a matéria do Sacramento. E sua forma, as palavras usadas por Cristo e proferidas pelo sacerdote: "Isto é o meu Corpo. . . . Este é o cálice do meu Sangue. . . ." (Mt 26,26-28; Mc 14,22-24; Lc 22,19-20).

Na Eucaristia faz-se presente o mesmo Jesus que nasceu em Belém, morreu na cruz e está no céu. Segundo as palavras do **Tantum ergo**, a Fé supre a deficiência dos sentidos, e na Hóstia consagrada adoramos a Deus sob as espécies sacramentais. Depois da consagração da Hóstia e do vinho, nada fica do pão e do vinho a não ser as espécies ou aparências, isto é, a quantidade e as qualidades sensíveis: a figura, a cor, o sabor, etc.

Quando se parte a Hóstia, partem-se somente as espécies do pão, e o Corpo de Cristo está todo inteiro em cada uma das partes em que ela se divide.

Jesus Cristo instituiu este Sacramento por três razões principais:

- 1) para ser o Sacrifício permanente da Nova Lei;
- 2) para alimento espiritual de nossas almas;
- 3) para ser um memorial perpétuo de sua Paixão e Morte, e penhor preciosíssimo do seu amor a nós e da vida eterna.

Os principais efeitos que produz em nós a Eucaristia são:

- 1) conservar e aumentar a vida da alma, que é a graça, assim como o alimento material conserva e aumenta a vida do corpo;
- 2) apagar os pecados veniais e preservar dos mortais;
- 3) unir-nos a Jesus Cristo e fazer-nos viver da sua Vida, dando-nos assim muitas consolações espirituais.

Para bem comungar três requisitos são necessários:

- 1) achar-se em estado de graça (que se perde pelo pecado mortal);
- 2) estar em jejum como prescreve a Igreja (uma hora antes da Comunhão, podendo beber água natural);
- 3) saber o que se vai receber e apresentar-se à Comunhão com fé e devoção.

Quem caiu em pecado mortal, deve primeiro confessar-se e depois comungar, do contrário comete gravíssimo sacrilégio.

Antes da Comunhão devemos preparar-nos com atos de Fé, Esperança e Caridade, e sentimentos de adoração, contrição, humildade e desejo de receber a Jesus Cristo. E depois da Comunhão, permanecer algum tempo na igreja, na intimidade com Deus e em ação de graças.

Há obrigação de comungar pelo menos uma vez ao ano, na Páscoa da Ressurreição, mas é bom comungar todos os meses, melhor ainda cada semana e melhor ainda diariamente, contanto que se comungue com as devidas disposições e ouvido um confessor piedoso e douto.

A Eucaristia é, pois, **sacrifício, presença real e comunhão**. Devemos com freqüência adorar o Santíssimo Sacramento, visitando-o nas igrejas onde está exposto publicamente ou no sacrário em que se guardam as sagradas espécies. Prática de piedade das mais recomendáveis é a bênção do Santíssimo Sacramento.

47. O SANTO SACRIFÍCIO DA MISSA

A Eucaristia, como acaba de ser visto, não é somente um Sacramento, é também o Sacrifício permanente da Nova Lei, que Jesus Cristo deixou à sua Igreja para ser oferecido a Deus por meio dos sacerdotes.

A Missa é o Sacrifício incruento do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo, oferecido nos altares sob as espécies de pão e de vinho em memória do Sacrifício da Cruz. Substancialmente, é o mesmo Sacrifício do Calvário; incruento, porque sem derramamento de sangue.

O Sacrifício da Missa é oferecido a Deus por quatro fins:

- 1) para render a Deus a homenagem que Lhe é devida, da nossa adoração (Sacrifício **latrêutico**);
- 2) para Lhe agradecer os benefícios recebidos (Sacrifício **eucarístico**);
- 3) para dar a Deus satisfação pelos nossos pecados e para sufragar as almas do purgatório (Sacrifício **propiciatório**);
- 4) para obter todas as graças de que necessitamos (Sacrifício **impetratório**).

O próprio Jesus Cristo instituiu o Sacrifício da Missa, quando instituiu o Sacramento da Eucaristia, antes da sua Paixão (1Cor 11,23-26).

Oferece-se esse grande Sacrifício só a Deus. As Missas frequentemente celebradas em honra de Nossa Senhora e dos Santos destinam-se a louvar a Deus pelos dons que lhes concedeu e a alcançar, por intercessão deles, mais copiosamente, as graças de que necessitamos.

Toda a Igreja participa dos frutos da Missa, mas particularmente o sacerdote celebrante, os circunstantes unidos ao sacerdote e aqueles por quem se aplica a Missa e podem ser tanto vivos como defuntos.

Para bem nos unirmos ao Sacrifício do altar, devemos fazer a Comunhão sacramental ou ao menos a espiritual, ao tempo em que o sacerdote comunga. A Comunhão espiritual é um vivo desejo de unir-se sacramentalmente a Jesus Cristo com orações como as que se fariam antes e depois da Comunhão sacramental.

Não nos esqueçamos deste belo pensamento do Santo Cura d'Ars sobre a Missa: "Todas as boas obras reunidas não equivalem ao Santo Sacrifício da Missa, porque elas são as obras dos homens e a Missa é a obra de Deus. O martírio nada é em comparação: é o sacrifício que o homem faz de sua vida, a Missa é o sacrifício que Deus faz pelo homem de seu Corpo e seu Sangue."

48. PENITÊNCIA OU CONFISSÃO

A Penitência, chamada também Confissão, é o Sacramento da reconciliação, pelo qual se obtém o perdão dos pecados cometidos depois do Batismo. Jesus Cristo instituiu-o no dia da sua Ressurreição, quando, depois de entrar no Cenáculo, deu solenemente aos Apóstolos o poder de perdoar os pecados (Jo 20,22-23).

Requerem-se para a Confissão:

- 1) exame de consciência;
- 2) arrependimento;
- 3) propósito;
- 4) acusação ou confissão;
- 5) satisfação ou penitência.

O exame de consciência faz-se trazendo diligentemente à memória, na presença de Deus, os pecados ainda não confessados, cometidos por pensamentos, palavras, ações e omissões, contra os Man-

damentos de Deus e da Igreja e contra as obrigações do próprio estado. Nesse exame deve-se também pensar nas circunstâncias que podem agravar o pecado, isto é, fazer do pecado venial um pecado mortal.

O arrependimento é o pesar de haver ofendido a Deus, podendo consistir na contrição ou na atrição. A contrição é o pesar de ter ofendido a Deus por ser Ele infinitamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas. É o arrependimento perfeito. A atrição ou dor imperfeita dá-se quando nos arrependemos por temor dos castigos que merecemos e nos esperamos nesta ou na outra vida, ou pela própria fealdade do pecado. Em qualquer hipótese, sem firme propósito de emenda não pode haver um verdadeiro arrependimento (ver número 41). O bom propósito deve ser eficaz, para o que é necessário uma vontade decidida de não mais pecar, de fugir das ocasiões de pecado e de destruir os maus hábitos.

Devemos acusar todos os pecados mortais cometidos, mas é bom também acusar os veniais. Aliás, quem se confessa habitual e frequentemente, sendo boas as confissões, muito dificilmente terá a confessar pecado mortal.

O Diretório Geral Catequístico, publicado em 11 de abril de 1971, pela Congregação para o Clero, faz ver que se deve ter em conta a utilidade da Confissão mesmo nos casos de versar somente sobre pecados veniais, conservando ela, nesta hipótese, a sua virtude, pois confere um aumento de graça e de caridade, acrescenta as boas disposições para receber a Eucaristia e ajuda a levar uma vida cristã.

O pecado mortal é sempre em matéria grave, com plena advertência do entendimento e perfeito consentimento da vontade (ver número 39). Há matéria grave quando se trata de alguma coisa notavelmente contrária à lei de Deus e da Igreja. A plena advertência consiste em conhecer perfeitamente que se fez algum mal grave. E o consentimento perfeito da vontade existe quando se faz deliberadamente uma coisa reconhecida como pecaminosa.

Depois de ter dado a absolvição, o sacerdote impõe uma oração ou uma boa obra, para significar uma certa reparação à Justiça Divina pelos pecados cometidos e a plena reintegração do penitente na comunhão eclesial. É o que se chama satisfação ou penitência. Devemos toda a atenção aos conselhos do confessor, desde que seja este firme na doutrina, piedoso, duto e prudente.

As palavras do sacerdote, ao absolver, constituem a forma do Sacramento da Penitência. Sua matéria pode ser remota ou próxima. Constituem matéria remota os pecados cometidos pelo penitente de-

pois do Batismo; e próxima, os atos do próprio penitente, isto é, a contrição, a acusação e a satisfação.

A contrição, ou arrependimento perfeito, uma vez que haja a intenção de se confessar logo que possível, já por si perdoa os pecados.

Note-se que quem esconder algum pecado grave na confissão, fazendo-o deliberadamente, não só não obtém perdão dos demais pecados, mas ainda comete um sacrilégio.

A respeito da chamada confissão comunitária, cumpre ter presentes as Normas Pastorais sobre a absolvição sacramental administrada de modo coletivo, emanadas da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e datadas de 16 de junho de 1972. Aí se diz que "a confissão individual e íntegra, com a absolvição, permanece como único modo ordinário pelo qual os fiéis se reconciliam com Deus, a não ser que a impossibilidade física ou moral escusem desta forma de confissão."

A absolvição coletiva só é lícita quando se verificam simultaneamente três condições: 1) grande afluência de penitentes; 2) número insuficiente de sacerdotes confessores presentes; 3) os penitentes deveriam, sem sua culpa, permanecer privados por longo tempo da graça sacramental ou da Santa Comunhão.

Mesmo tendo recebido a absolvição coletiva, lícitamente administrada, os fiéis têm a obrigação de confessar os pecados graves absolvidos, antes de receber uma segunda absolvição geral.

49. UNÇÃO DOS ENFERMOS

A Unção dos enfermos, antes denominada Extrema Unção, é o Sacramento instituído para alívio espiritual e também corporal dos enfermos em perigo de morte (Mc 6,13).

Considerado nos seus efeitos, este Sacramento:

- 1) aumenta a graça santificante;
- 2) apaga os pecados veniais e também os mortais se o enfermo, arrependido, não puder confessar-se;
- 3) ajuda a recuperar a saúde do corpo, se isto for útil à salvação da alma.

Destina-se aos doentes em estado grave, fortalecendo-os na Fé, perante a morte, e preparando-os para a Eternidade. Cumpre, porém,

frisar que não se deve esperar que eles entrem em agonia. Neste caso, não poderiam mais beneficiar-se do Sacramento no sentido de alcançar boas disposições para a morte; além do que, como acaba de ser dito, da Unção dos enfermos pode resultar a saúde do corpo, se isto for conveniente à alma.

Estando o enfermo consciente, é administrada depois da Confissão e da Comunhão. Se ele não estiver em condições de confessar e comungar, recebe apenas a Unção dos enfermos.

50. ORDEM

Os Sacramentos até aqui mencionados visam primordial e diretamente ao bem do indivíduo, isto é, daquele que os recebe, embora produzam concomitantemente um bem social.

Os dois últimos Sacramentos dizem respeito precipuamente a uma finalidade social, beneficiando também a pessoa que os recebe. A Ordem é um Sacramento instituído para a glorificação de Deus pelos mistérios sagrados e para o bem das almas, às quais o sacerdote deve dedicar-se. E o Matrimônio existe com vistas à procriação e à educação dos filhos.

A Ordem dá o poder de exercer os santos ministérios concernentes ao culto de Deus e à salvação das almas. Imprime na alma de quem o recebe o caráter de ministro de Deus. Sua denominação resulta dos diferentes graus que correspondem às dignidades conferidas aos ministros do Senhor e formam uma hierarquia ou ordem.

Antes de ser ordenado sacerdote, quem se prepara para ascender a essa dignidade, recebe as ordens menores, e a seguir o Diaconato. Depois do Diaconato, vem o Presbiterato. Acima de todos, o Episcopado, que contém a plenitude do sacerdócio.

A vocação sacerdotal é um chamamento de Deus, uma graça especialíssima, um santo privilégio para quem a recebe. Não pode haver entre os homens nada mais grandioso do que o poder do sacerdote, quando na Missa, pelas palavras da consagração, faz Deus descer do Céu ao altar, como a Virgem Maria, com o *fiat*, fez o Verbo Divino baixar ao seio virginal.

51. MATRIMÔNIO

O Sacramento do Matrimônio foi instituído para a constituição santa da família. Unidos pelos laços sagrados do Matrimônio, os côn-

juges tornam-se os auxiliares de Deus na obra da criação, assim como os que recebem o Sacramento da Ordem são os auxiliares de Deus na obra da Redenção, missão esta, aliás, que cabe também aos pais com relação aos filhos.

O Matrimônio foi instituído pelo próprio Deus no paraíso terrestre, e no Novo Testamento foi elevado por Jesus Cristo à dignidade de Sacramento. Estabelece uma santa e indissolúvel união entre o homem e a mulher e lhes dá a graça de se amarem um ao outro para sempre, de se ajudarem mutuamente e de educarem cristãmente os filhos.

Para contrair licitamente o Matrimônio cristão, é necessário estar livre dos impedimentos matrimoniais (por exemplo, a consanguinidade até o terceiro grau), ser instruído nas verdades principais da religião e achar-se em estado de graça.

Os ministros deste Sacramento são os próprios nubentes, que reciprocamente conferem e recebem o Sacramento na presença do pároco, ou de um sacerdote em seu lugar, que lhes dá a bênção, e de duas testemunhas.

O Matrimônio cristão não pode existir sem o mútuo consentimento dos que vão recebê-lo, consentimento dado livremente, sem nenhuma coação. Nele, o contrato não se pode separar do Sacramento, pois o Matrimônio entre batizados não é senão o próprio contrato natural elevado por Jesus Cristo à categoria de Sacramento.

Quanto ao casamento civil, de acordo com as leis de cada país, não passa de uma formalidade prescrita pela lei para os cidadãos, a fim de assegurar os efeitos civis aos casados e aos seus filhos (regime de bens, sucessão, etc.). O verdadeiro casamento é o religioso. Já os antigos romanos definiam o casamento "um consórcio por toda a vida com a comunicação de direitos divinos e humanos", conforme as palavras do jurisconsulto Modestino.

"Grande Sacramento", diz São Paulo com referência ao Matrimônio, na Epístola aos Efésios (5,32), dando por modelo aos esposos a união de Cristo com a Igreja.

52. INDULGÊNCIAS E SACRAMENTAIS

O perdão dos pecados, recebido com o Sacramento da Penitência ou com um ato de arrependimento perfeito, apaga sempre a culpa

e a pena eterna, mas fica na alma do penitente uma dívida com relação à pena temporal, que há de ser paga neste mundo com sofrimentos, misérias e finalmente a morte, ou no outro, com expiações purificadoras no purgatório.

A Igreja tem o poder de perdoar a pena temporal, por meio das indulgências, aplicando os méritos infinitos de Jesus Cristo e as satisfações superabundantes de Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e dos Santos. Tais méritos e satisfações formam o que se chama o tesouro da Igreja.

A indulgência é a remissão da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa. Pode ser plenária, se liberta totalmente da pena devida, ou parcial, se liberta só em parte.

Lucra-se a indulgência plenária com uma das seguintes obras: Via-Sacra, Terço, adoração ao Santíssimo Sacramento ao menos por meia hora, leitura da Sagrada Escritura por meia hora. Há outras indulgências plenárias ligadas a lugares, circunstâncias, dias determinados.

Lucra-se uma indulgência parcial com várias práticas recomendadas pela Igreja, por exemplo: ensinar ou estudar o Catecismo, fazer meditação, fazer o Sinal-da-Cruz, renovar as promessas do Batismo, ajudar a uma pessoa necessitada, visitar o cemitério, além de orações e jaculatórias diversas.

Há três condições para lucrar as indulgências: 1) a confissão sacramental (vários dias antes ou depois); 2) a comunhão eucarística (é conveniente no mesmo dia da oração ou obra prescrita); 3) oração pelas intenções do Sumo Pontífice (bastam um Pai-Nosso e uma Ave-Maria). Requer-se, além disso, a exclusão de qualquer afeição ao pecado, mesmo venial.

As indulgências podem beneficiar quem as ganha ou podem ser aplicadas em favor das almas do purgatório. No purgatório estão as almas que receberam o perdão, mas ainda não satisfizeram inteiramente à Justiça Divina. Essas almas podem ser aliviadas com as indulgências e também com orações, esmolas e outras obras, principalmente o Santo Sacrifício da Missa.

Sacramentais são coisas ou ações de que a Igreja se serve, imitando de algum modo os Sacramentos, para alcançar, por sua impetração, efeitos sobretudo espirituais. São sinais sagrados criados pela Igreja, ao passo que os Sacramentos foram instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Há várias modalidades de Sacramentais: bênçãos, procissões,

ladainhas, exorcismos. São sacramentais, por exemplo, a água benta, o pão bento em certas cerimônias, as cinzas aplicadas aos fiéis na Quarta-feira de Cinzas, etc. A oração dominical ou Pai-Nosso é um sacramental.

Quanto aos exorcismos, são fórmulas e atos que a Igreja emprega para expulsar o demônio das pessoas, das coisas ou dos lugares.

53. VIDA CRISTÃ, VIDA SOBRENATURAL DA GRAÇA

Se São Paulo diz que “sem a Fé é impossível agradar a Deus” (Heb 11,6), mais incisivas ainda são estas palavras de Nosso Senhor aos Apóstolos: “Ide pelo mundo todo e pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e for batizado será salvo, quem não crer será condenado” (Mc 16,15-16).

Sem a Fé na Revelação Divina (ver número 7), não poderíamos conhecer os mistérios da salvação, que são essencialmente sobrenaturais.

Importa considerar que há três ordens de conhecimentos, essencialmente distintas e subordinadas:

1) a ordem do conhecimento sensível, que os animais também possuem e que nos faz perceber as cores, os sons e as suas harmonias;

2) a ordem racional, das verdades acessíveis à razão, própria dos homens, pela qual distinguimos entre o bem e o mal (ver número 23) e podemos chegar ao conhecimento da existência de Deus (ver número 4);

3) a ordem da vida sobrenatural, inacessível aos sentidos e à razão dentro de suas limitações naturais, dada a conhecer pela Revelação (ver número 7) e alcançada pela Fé.

Os segredos ou mistérios da vida sobrenatural são as profundezas de Deus e sua vida íntima.

A vida cristã fundamenta-se na Fé, dom de Deus que recebemos no Batismo (ver número 44). Vida comunicada a nós por Jesus Cristo. Vida de oração, pela qual nos unimos a Deus, como membros do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja (ver número 10).

A graça é um dom interior e sobrenatural, que nos é dado sem merecimento algum de nossa parte, mas pelos méritos infinitos de

Jesus Cristo, em ordem à vida eterna. Divide-se em graça santificante ou graça habitual, e graça atual.

A graça santificante é um dom sobrenatural inerente à alma, que nos faz justos, filhos adotivos de Deus e herdeiros do paraíso. Produz na alma uma renovação interior profunda, comunicando-lhe uma disposição divina que a penetra e eleva. É a vida de Deus em nós. Recebemo-la pela primeira vez no Batismo. Perdemos-la pelo pecado mortal. Recuperamo-la pelo arrependimento e pela Confissão. E ela aumenta em nós pela oração, na vida eucarística e quando praticamos boas ações (ver números 8, 16, 39, 41, 44, 46 e 48).

A graça atual é uma ajuda sobrenatural dada por Deus para iluminar a inteligência, mover e fortalecer a vontade, a fim de que pratiquemos o bem e evitemos o mal, com vistas à salvação eterna.

Da união do corpo com a alma resulta a vida natural e da união da alma com Deus resulta a vida sobrenatural.

Viver em Deus é viver em Jesus Cristo, viver em Jesus Cristo é viver na Igreja. Pela graça tornamo-nos participantes da vida divina. (2Pdr 1,4).

54. OS DONS DO ESPÍRITO SANTO (Is 11,2-3)

Esses dons consistem em disposições habituais da alma, infundidas por Deus, mediante as quais ela deixa facilmente mover-se pelas inspirações do Espírito Santo.

São sete:

Sabedoria

Entendimento (ou Inteligência)

Conselho

Fortaleza

Ciência

Piedade

Temor de Deus

Tais dons nos confirmam na Fé, na Esperança e na Caridade, e nos tornam solícitos para os atos das virtudes necessárias à perfeição da vida cristã.

A Sabedoria é um dom pelo qual, elevando o espírito acima das coisas terrenas e frágeis, contemplamos as eternas, isto é, a Verdade, que é Deus, n'Ele pondo a nossa alegria e amando-O como nosso Sumo Bem.

O Entendimento ou Inteligência é um dom pelo qual nos é facilitado, o quanto possível a um homem mortal, a inteligência das verdades da Fé e dos divinos mistérios, os quais não podemos conhecer com as luzes naturais da razão.

O Conselho é um dom pelo qual, nas dúvidas e incertezas da vida humana, conhecemos o que mais convém à glória de Deus, à nossa salvação e à do próximo.

A Fortaleza é um dom que nos incute energia e coragem para observar fielmente a Lei de Deus e da Igreja, vencendo todos os obstáculos, e os assaltos dos nossos inimigos.

A Ciência é um dom pelo qual julgamos retamente das coisas criadas e conhecemos o modo de bem usar delas e dirigi-las a Deus, nosso Fim último.

A Piedade é um dom pelo qual veneramos e amamos a Deus e aos Santos (ver número 20) e conservamos ânimo bondoso e benévolo para com o próximo por amor de Deus.

O Temor de Deus é um dom que nos faz reverenciar a Deus e ter receio de ofender a sua Divina Majestade, e que nos afasta do mal, incitando-nos ao bem.

Na Epístola aos Gálatas (5,22-23) São Paulo enumera os frutos do Espírito Santo, a saber: caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, longanimidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência e castidade.

55. AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

No dia do Juízo ser-nos-á pedida conta particular das obras de misericórdia. As obras de misericórdia são sete corporais e sete espirituais, segundo sejam corporais ou espirituais as necessidades que se socorrem.

Obras de misericórdia corporais:

1. Dar de comer a quem tem fome.
2. Dar de beber a quem tem sede.

3. Vestir os nus.
4. Dar pousada aos peregrinos.
5. Assistir aos enfermos.
6. Visitar os presos.
7. Enterrar os mortos.

Obras de misericórdia espirituais:

1. Dar bom conselho.
2. Ensinar os ignorantes.
3. Corrigir os que erram.
4. Consolar os aflitos.
5. Perdoar as injúrias.
6. Sofrer com paciência as fraquezas do próximo.
7. Rogar a Deus pelos vivos e pelos defuntos.

56. AS BEM-AVENTURANÇAS EVANGÉLICAS

São oito as Bem-aventuranças evangélicas, proclamadas por Jesus no Sermão da Montanha, a saber (Mt 5,1-10):

1. Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus.
2. Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a terra.
3. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
4. Bem-aventurados os que têm sede e fome de justiça, porque serão fartos.
5. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
6. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.
7. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.
8. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos Céus.

Os diversos prêmios prometidos por Jesus Cristo nas Bem-aventuranças significam, sob diversos nomes, a glória eterna do Céu. O Céu é a terra dos vivos (**terra viventium**), onde se encontra a verdadeira felicidade para sempre. Mas as Bem-aventuranças evangélicas são também meios de nos tornar felizes, nesta vida, tanto quanto é possível, pela paz e pelo contentamento íntimo que produzem. São as máximas do Evangelho. Opõem-se às máximas do mundo, cujos seguidores não podem ser felizes, por lhes faltar a verdadeira paz e porque estão em risco de se condenar. Note-se que a felicidade nesta vida, a paz e a alegria interior, não excluem o sofrimento, mesmo porque não há vida cristã sem a cruz (ver número 9). Motivo pelo qual São João da Cruz exclamava: **Cruz, descanso sabroso de mi vida, vos seáis la bienvenida.**

57. CIDADE DE DEUS E CIDADE TERRENA

Depois de haver anunciado as bem-aventuranças, disse Jesus aos discípulos: “Bem-aventurados sois vós, quando, por minha causa, vos injuriarem e perseguirem e disserem, falsamente, contra vós, toda a espécie de mal. Alegrai-vos e exultai, porque será grande no Céu a vossa recompensa. Foi assim que perseguiram os profetas que viveram antes de vós” (Mt 5,11-12).

O Apóstolo São Paulo faz ver que “todos aqueles que querem viver piedosamente em Jesus Cristo serão perseguidos” (2Tim 3,12).

E finalmente, Jesus, falando aos discípulos depois da última Ceia, disse-lhes ainda que haveriam de viver na paz pela sua graça, mas teriam de sofrer no mundo (Jo 16,33). Não há cristianismo sem cruz (ver números 9 e 56).

A vida cristã é incompatível com o espírito do mundo, a respeito do qual disse São João: “o mundo todo jaz nas mãos do maligno”, isto é, do demônio (1Jo 5,19).

E a alegria cristã, recomendada com insistência por São Paulo (Fil 4,4) não é a falsa e ruidosa alegria mundana, nem exclui a penitência, a mortificação, a renúncia e o sofrimento paciente e humildemente aceito, numa entrega total à vontade de Deus.

Só a vitória sobre a tríplice concupiscência — “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da vida” (1Jo 2,16) — pode fazer-nos verdadeiramente discípulos de Jesus.

Dessa forma chegamos a extirpar o nosso egoísmo, rejeitando a Satanás, suas pompas e suas obras (ver número 44).

No famoso livro **De Civitate Dei**, escreve Santo Agostinho: “Dois amores fizeram duas cidades: o amor de si, levado até ao desprezo de Deus, fez a cidade terrena; o amor de Deus, levado até ao desprezo de si, fez a cidade de Deus”. (Livro XIV, cap. 28).

58. A GRAÇA E A GLÓRIA

“O Senhor dá a graça e a glória.” (Salmo 83,12)

Efeito maravilhoso da graça é fazer-nos participantes da natureza divina. (2Pdr 1,4).

Deus penetra e transforma uma alma em estado de graça como o fogo penetra e transforma o ferro lançado numa fornalha ardente, ou como o sol ao projetar o resplendor sobre uma nuvem, dourando-a com seus raios luminosos.

A graça incriada é o próprio Deus em Si mesmo, enquanto pelo seu amor Ele se dá sobrenaturalmente ao homem. A graça criada é o dom produzido sobrenaturalmente no homem (graça santificante ou habitual e graça atual); é o princípio de uma atividade, uma vida nova, sobrenatural, infundida em nós à imagem do Cristo-Homem (ver números 9 e 53).

Para alcançar essa vida nova, é preciso rejeitar o homem velho do pecado e abraçar a cruz de cada dia. Disse-o Jesus (ver número 9), falando aos discípulos, e no Sermão da Montanha fez ver que “estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida” (Mt 7,14). A estrada larga dos prazeres e excessivas comodidades é a via da perdição.

Antes de entrar na Terra Prometida, os hebreus tiveram que atravessar o deserto, aí se defrontando durante quarenta anos com penosas dificuldades. Deus não quer no seu Reino senão as almas provadas no cadinho purificador das tribulações pacientemente sofridas.

A graça habitual ou santificante, pela presença do Espírito Santo na alma (1Cor 3,16; 6,19), é a vida eterna no seu princípio. A felicidade eterna e perfeita dos eleitos, no Céu, é o efeito imediato da glória que Deus lhes comunica. A graça é a aurora. A glória é o pleno dia. Esta glória procede da posse do soberano Bem, nosso Fim último.

Santo Tomás de Aquino começa seu Compêndio de Teologia dizendo que a Fé é uma prelibação daquele conhecimento que na vida futura nos fará felizes por toda a Eternidade. Essas palavras são ditas em comentário ao ensinamento de São Paulo: "a Fé é a substância daquilo que se espera, argumento de realidades que não se vêem" (Heb 11,1). No Céu veremos a Deus face-a-face e contemplaremos a Santíssima Trindade, que é, nesta vida, objeto da Fé. Passamos da vida da graça, pela qual já neste mundo nos unimos a Deus, para a plenitude da união com Deus na glória eterna.

Donde a lição do Catecismo : O HOMEM FOI CRIADO PARA CONHECER, AMAR E SERVIR A DEUS NESTE MUNDO, E ASSIM ALCANÇAR A FELICIDADE PERFEITA E ETERNA COM DEUS NO CÉU.

APÊNDICE

1. PROFISSÃO DE FÉ (O SÍMBOLO DOS APÓSTOLOS)

CREDO in Deum, Patrem omnipotentem, Creatorem caeli et terrae. Et in Jesum Christum Filium ejus unicum Dominum nostrum; qui conceptus est de Spiritu Sancto; natus ex Maria Virgine; passus sub Pontio Pilato, crucifixus, mortuus et sepultus; descendit ad inferos; tertia die resurrexit a mortuis; ascendit ad caelos, sedet ad dexteram Dei Patris omnipotentis; inde venturus est judicare vivos et mortuos. Credo in Spiritum Sanctum; sanctam Ecclesiam Catholicam; Sanctorum communionem; remissionem peccatorum; carnis resurrectionem; vitam aeternam. AMEN.

CREIO em Deus, Pai todo-poderoso, criador do Céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na Comunhão dos Santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. AMÉM.

2. ORAÇÕES PRINCIPAIS

PATER NOSTER, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum. Adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra. Panem nostrum quotidianum da nobis hodie, Et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Et ne nos inducas in tentationem, sed libera nos a malo. AMEN.

PAI NOSSO, que estais no Céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. AMÉM.

AVE MARIA, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus. Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis, pec-

AVE MARIA, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de

catoribus, nunc et in hora mortis nostrae. AMEN.

GLORIA Patri et Filio et Spiritui Sancto. Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in saecula saeculorum. AMEN.

3. INVOCACÃO DO ESPÍRITO SANTO

VENI SANCTE SPIRITUS, reple tuorum corda fidelium, et tui amoris in eis ignem accende.

V. Emite Spiritum tuum, et creabuntur.

R. Et renovabis faciem terrae.

Oremus — Deus, qui corda fidelium Sancti Spiritus illustratione docuisti: da nobis in eodem Spiritu recta sapere, et de ejus semper consolatione gaudere.

R. AMEN.

4. A SALVE RAINHA E O ANGELUS

SALVE REGINA, Mater misericordiae: Vita, dulcedo et spes nostra, salve! Ad te clamamus, exules filii Hevae. Ad te suspiramus gementes et flentes in hac lacrimarum valle. Eia ergo, Advocata nostra, illos tuos misericordes oculos ad nos converte. Et Jesum, benedictum fructum ventris tui, nobis post hoc exilium ostende. O clemens; o pia; o dulcis Virgo Maria!

Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. AMEM.

GLÓRIA ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Assim como era no princípio, e agora, e sempre, e por todos os séculos dos séculos. AMÉM.

VINDE ESPÍRITO SANTO, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso divino amor.

V. Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.

R. E renovareis a face da terra.

Oremos — Deus, que ilustrastes os corações dos fiéis com a luz do Espírito Santo, concedei-nos que, pelo mesmo Espírito, saibamos tudo o que é reto, e nos alegremos sempre com a sua consolação. ASSIM SEJA.

SALVE RAINHA, Mãe de misericórdia, vida doce, esperança nossa, salve! A vós bradamos os degradados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas. Eia, pois advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E depois deste desterro, nos mostrai a Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó

V. Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi. AMEN.

V. Angelus Domini nuntiavit Mariae.

R. Et concepit de Spiritu Sancto.

Ave Maria, etc.

V. Ecce ancilla Domini.

R. Fiat mihi secundum verbum tuum.

Ave Maria, etc.

V. Et Verbum caro factum est.

R. Et habitavit in nobis.

Ave Maria, etc.

V. Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix.

R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Oremus

Gratiam tuam, quaesumus, Domine, mentibus nostris infunde: ut qui Angelo nuntiante Christi Filii tui Incarnationem cognovimus, per passionem eius et crucem ad resurrectionis gloriam perducamur. Per eundem Christum Dominum nostrum. AMEN. Gloria Patri, etc. (ter)

No tempo pascal, isto é, desde o sábado de aleluia até ao meio-dia do sábado antes do domingo da Santíssima Trindade, em lugar do Angelus diz-se o **Regina Caeli**:

R. Regina Caeli, laetare, alleluia.

R. Quia quem meruisti portare, alleluia.

piedosa, ó doce sempre Virgem Maria! R. Rogai por nós, santa Mãe de Deus. R. para que sejamos dignos das promessas de Cristo. AMÉM.

V. O Anjo do Senhor anunciou a Maria.

R. E ela concebeu do Espírito Santo.

Ave Maria, etc.

V. Eis aqui a escrava do Senhor.

R. Faça-se em mim segundo a tua palavra.

Ave Maria, etc.

V. E o Verbo se fez carne. E habitou entre nós.

Ave Maria, etc.

V. Rogai por nós, santa Mãe de Deus.

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos

Infundi, Senhor, como vos pedimos, a vossa graça em nossas almas, para que nós, que, pela anunciação do anjo conhecemos a Encarnação de vosso Filho, Jesus Cristo, por sua Paixão e Morte de Cruz chegemos à glória da ressurreição. Pelo mesmo Cristo Nosso Senhor. Amém.

Glória ao Pai, etc. (três vezes).

V. Rainha do Céu, alegrai-vos, aleluia.

R. Porque o que merecestes

- V. **Resurrexit sicut dixit, alleluia.**
 R. **Ora pro nobis Deum, alleluia.**
 V. **Gaude et laetare, Virgo Maria, alleluia.**
 R. **Quia surrexit Dominus vere, alleluia.**

Oremus

Deus, qui per resurrectionem Filii tui, Domini nostri Jesu Christi, mundum laetificare dignatus es: praesta, quaesumus, ut per ejus Genitricem Virginem Mariam, perpetuae capiamus gaudia vitae. Per eundem Christum Dominum Nostrum.
AMEN.

Gloria Patri, etc. (ter)

- trazer em vosso ventre, alleluia.
 V. Ressuscitou como disse, alleluia.
 R. Rogai por nós a Deus, alleluia.
 V. Alegrai-vos e exultai, ó Virgem Maria, alleluia.
 R. Porque o Senhor ressuscitou verdadeiramente. Alleluia.

Oremus

Deus, que vos dignastes alegrar o mundo com a ressurreição de vosso Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, concedei-nos que, por sua santa Mãe, a Virgem Maria, consigamos os inefáveis gozos da vida eterna.
AMÉM.

Glória ao Pai, etc. (três vezes).

5. OUTRAS ORAÇÕES

Para depois da Comunhão :

Alma de Cristo, santificai-me.
 Corpo de Cristo, salvai-me.
 Sangue de Cristo, inebriai-me.
 Água do lado de Cristo, lavai-me.
 Paixão de Cristo, confortai-me.
 Ó bom Jesus, ouvi-me.
 Nas vossas chagas, escondei-me.
 Não permitais que me separe de vós.
 Do inimigo maligno, defendei-me.
 Na hora da minha morte, chamai-me.
 E mandai-me ir para Vós.
 Para que vos louve com vossos santos.
 Por todos os séculos dos séculos. **AMÉM.**

Consagração a Nossa Senhora (oferecimento do dia para a oração da manhã) :

Ó minha Senhora e minha Mãe, eu me ofereço todo a Vós, e em prova da minha devoção para convosco, vos consagro neste dia os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração e todo o meu ser; e porque assim sou vosso, ó incomparável Mãe, guardai-me e defendei-me como coisa e propriedade vossa. Amém.

A São José (especialmente para depois do Rosário) :

Ó bem-aventurado São José, a Vós recorremos em nossas tribulações e, implorando o socorro de vossa santíssima Esposa, pedimos também com confiança o vosso patrocínio. Pelo afeto que vos uniu à Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, e pelo paternal amor que tivestes a Jesus Menino, vos rogamos e suplicamos que olheis benigno para a herança que Jesus Cristo conquistou com o seu sangue, e nos assistais em todas as necessidades com o vosso poder e auxílio.

Ó providentíssimo guarda da Sagrada Família, guardai os filhos escolhidos de Jesus Cristo. Preservai-nos, ó Pai amorosíssimo, de todo o contágio do erro e corrupção; sede-nos propício, ó poderosíssimo libertador nosso, e assisti-nos do alto do Céu nesta luta com o poder das trevas: e assim como outrora livrastes a Jesus Menino do perigo da morte, assim agora defendei a santa Igreja de Deus das insídias dos seus inimigos e de todas as adversidades. Concedei-nos a todos o vosso perpétuo patrocínio, para que, sustentados por vosso exemplo e auxílio, possamos viver santamente, morrer piamente e alcançar a bem-aventurança no Céu. Amém.

A São Miguel Arcanjo :

São Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate: sede o nosso auxílio contra a malícia e ciladas do demônio. Exerça Deus sobre ele o seu império, instantemente o pedimos; e vós, príncipe da milícia celeste, pelo divino poder precipitai no inferno a Satanás e aos outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.

Ao Anjo da Guarda :

Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, já que a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, guarda, governa e ilumina.

Bênção da mesa (antes das refeições) :

Abençoaí-nos, Senhor, e a estes alimentos que de vossa bondade recebemos.

R. Amém.

Que o Rei da Glória Eterna nos faça participar da Mesa celestial.

R. Amém.

Para a oração da noite :

Eterno Pai, eu vos ofereço por meio de Maria, o Sagrado Coração de Jesus, com todo o seu amor, seus sofrimentos, seus merecimentos e perfeições :

1.º) para expiar todos os pecados que cometi hoje e durante toda a minha vida passada;

2.º) para purificar o bem que fiz imperfeitamente hoje e durante toda a minha vida passada;

3.º) para suprir as boas obras que devia fazer e descurei hoje e durante toda a minha vida passada.

6. ATOS DE FÉ, ESPERANÇA, CARIDADE E CONTRIÇÃO.

Ato de Fé :

Creio firmemente que há um só Deus em três pessoas realmente distintas, Pai, Filho e Espírito Santo; que dá o céu aos bons e o inferno aos maus para sempre.

Creio que o Filho de Deus se fez homem, padeceu e morreu na Cruz para nos salvar, e que ao terceiro dia ressuscitou.

Creio tudo o mais que crê e ensina a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, porque Deus, verdade infalível, lho revelou. E nesta Fé quero viver e morrer.

Ato de Esperança :

Espero, meu Deus, com firme confiança, que, pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, me dareis a salvação eterna e as graças necessárias para consegui-la, porque Vós, sumamente bom e poderoso, o haveis prometido a quem observar fielmente os vossos Mandamentos, como eu proponho fazer com vosso auxílio.

Ato de Caridade :

Eu Vos amo, meu Deus, de todo o meu coração e sobre todas as coisas, porque sois infinitamente bom e amável, e antes quero perder tudo do que Vos ofender. Por amor de Vós, amo ao meu próximo como a mim mesmo.

Ato de Contrição :

Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por serdes Vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado, e porque Vos amo e estimo sobre todas as coisas, pesa-me, Senhor, de todo o meu coração, de Vos ter ofendido; pesa-me, também, por ter perdido o céu e merecido o inferno, e proponho firmemente, com os auxílios de vossa divina graça, emendar-me e nunca mais Vos tornar a ofender. Espero alcançar o perdão de minhas culpas pela vossa infinita misericórdia. Amém.

- 1 — INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA LINGUA POR
4.ª edição — Serafim da Silva Neto.
- 2 — DICCIONARIO DE LINGÜISTICA
2.ª edição — Zélio dos Santos Jota.
- 3 — TEORIA DA LINGUAGEM E LINGÜISTICA GE
Eugenio Coseriu.
- 4 — GRAMÁTICA DA LINGUA ROMENA
Grigore Dobrinesco.
- 5 — ELEMENTOS PARA UMA ESTRUTURA DA LI
(3.ª edição) — Walmirio Macedo.
- 6 — MANUAL DE FILOLOGIA PORTUGUESA
(3.ª edição) — Serafim da Silva Neto.
- 7 — LINGÜISTICA GERAL — Teoria e Descriçã
Walmirio Macedo.
- 8 — PRINCIPIOS DE MORFOLOGIA
Horácio Rolim de Freitas (2.ª edição).
- 9 — TRADIÇÃO E NOVIDADE NA CIÊNCIA DA LI
Eugenio Coseriu.
- 10 — MARCUS ET TULLIA — Manual da Língua
Vocabulário) Roger Verdier — Trad. e adapt.
- 11 — HISTÓRIA DA LINGUA PORTUGUESA
(3.ª edição) — Serafim da Silva Neto.
- 12 — SINCRONIA, DIACRONIA E HISTORIA
Eugenio Coseriu.
- 13 — NOVOS ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUES.
Mário Barreto.
- 14 — NOVISSIMOS ESTUDOS DA LINGUA PORTU.
Mário Barreto.
- 15 — MANUAL DE TEORIA TÉCNICA LITERÁRIA
Orlando Pires.
- 16 — O HOMEM E SUA LINGUAGEM — Presença
Eugenio Coseriu.
- 17 — O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS
Odette A. Souza Campos.
- 18 — ANÁLISE LITERÁRIA DE 16 POEMAS
José Maria de Souza Dantas.
- 19 — FATOS DA LINGUA PORTUGUESA — PRES
Mário Barreto.
- 20 — DE GRAMÁTICA E DE LINGUAGEM — PRES
Mário Barreto.

"Fala-se muito, hoje em dia, em atualização do ensino religioso. O seu Catecismo é o exemplo vivo do que se pode fazer sem alterar a Doutrina e a Tradição. Toda a estrutura sólida de uma religião revelada se esta com os adêndos e as explicações necessárias, ao alcance de todos, dos mais velhos e dos mais moços, numa sequência harmoniosa, da escala musical, uma nota pedindo a outra, como na própria vida a serviço do Senhor."

Maria Helena A. P. Fraga
(Carta ao autor)

REVISTA LINGUAGEM

Assinatura anual no Brasil
Assinatura anual no exterior

Será dirigida por especialistas nacionais e estrangeiros.
Diretoria Consultiva formada de 60 professores de 1
numero e previsto para outubro de 82 e o conteúdo
Aceitam-se artigos, notas e resenhas — Reservas
PRESENÇA Edições

Composto e impresso nas oficinas da
ESDEVA EMPRESA GRÁFICA LTDA.
C.G.C. 17.153.081/0001-62
JUIZ DE FORA - MG
1982

